

A GUERRA DA TRÍPLICE ALIANÇA

Ainda nesta edição:

- Entrevista com o Professor Fábio Zambitte: PEC da Previdência
- Manobra Escolar 2016
- Operação Leão do Norte



Empréstimo com Garantia Imobiliária

Sujeito à análise cadastral
Sujeito à alteração sem aviso prévio

As melhores taxas, com até **20** anos para pagar

Utilizando seu imóvel urbano quitado como garantia, você consegue um empréstimo de até 60% do valor. Organiza seu orçamento, toca seus projetos e o principal: arruma a vida de uma vez.

Consulte as normas e condições vigentes
no site www.poupex.com.br

Mais informações:
0800 61 3040

POUPEX

ASSOCIAÇÃO
DE POUPANÇA
E EMPRÉSTIMO



Editorial

PUBLICAÇÃO DO
CENTRO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DO EXÉRCITO
(CCOMSEx)

Chefe do CCOMSEx:
Gen Div Otávio Santana do **Rêgo Barros**

Subchefe do CCOMSEx:
Cel Art QEMA **Marcos** José de Andrade

Chefe de Produção e Divulgação:
Cel Inf QEMA Roberto Adriano **Dorneles** de Matos

CONSELHO EDITORIAL
Cel Inf QEMA **Nereu** Augusto Dos Santos Neto
Cel Inf QEMA Roberto Adriano **Dorneles** de Matos
Cel R/1 **Jefferson** dos Santos Motta

SUPERVISÃO TÉCNICA
Cel R/1 **Jefferson** dos Santos Motta

REDAÇÃO
Ten Cel QCO **Carla Beatriz** Medeiros de Souza Albach
Maj QCO **Adriana** Ferreira Ribeiro de **Castro**

PROJETO GRÁFICO
S Ten Inf Djalma **Martins**
S Ten Cav Adriano Henrique **Córdova**
1º Sgt Art Juliano **Bastos** Cogo
2º Sgt Inf Fabiano **Mache**
Sd Inf Igor Henrique Kukulka de **Mendonça**
SC **Luiz Fernando** Vieira

DIAGRAMAÇÃO E FINALIZAÇÃO
S Ten Cav Adriano Henrique **Córdova**
Sd Inf Igor Henrique Kukulka de **Mendonça**

COORDENAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO
Centro de Comunicação Social do Exército

IMPRESSÃO
CSS EDITORA GRÁFICA
SIG – Conjunto E – Lote 10
Brasília-DF
CEP 72.153-505 – Tel. (61) 3336-1001
supergraficadf@gmail.com

PERIODICIDADE
Trimestral

TIRAGEM
30 mil exemplares – Circulação dirigida (Brasil e Exterior)

FOTOGRAFIA
Arquivos CCOMSEx
Colaboradores do Exército

JORNALISTA RESPONSÁVEL
1º Ten QCO **Leciane** Moreira Dias

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA
Quartel-General do Exército – Bloco B – Térreo
70630-901 – Setor Militar Urbano – Brasília/DF
Telefone: (61) 3415-4673 – Fax: (61) 3415-4399
redacao@ccomsex.eb.mil.br

Disponível em PDF na página eletrônica:
www.eb.mil.br

VERDE-OLIVA – ANO XLIV • Nº 236 • ABRIL 2017

Caro leitor,

Muitas vezes, a leitura nos coloca em contato com acontecimentos históricos que, devido às ações heroicas e às condutas impensáveis nos dias atuais, fazem com que ela se torne simplesmente prazerosa.

Dentro dessa ótica, esta edição da Revista Verde-Oliva nos reporta à Guerra da Tríplice Aliança, repleta de episódios ricos em heroísmo e patriotismo, que consolidaram a integridade territorial e o sentimento de nacionalidade.

Ainda nesse contexto, entenda por que comemoramos os 150 anos da Retirada da Laguna, triste episódio dessa guerra em que milhares de brasileiros deram a vida no combate ao inimigo, na labuta contra a doença e a fome, e na travessia de uma região inóspita, desconhecida e selvagem.

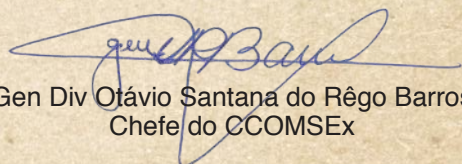
É destaque, nesta edição, a entrevista com o **Doutor Fábio Zambitte**, que apresenta o seu ponto de vista sobre a PEC da reforma da previdência, naquilo que atinge os militares das Forças Armadas.

Iniciativas que agregam modernidade à Força Terrestre estão explicitadas nos artigos sobre: o uso da avaliação psicológica, com o intuito de aperfeiçoar a operacionalidade; o incentivo à religiosidade, como forma de superar as adversidades; a manobra escolar, com o objetivo de colocar em prática os conceitos doutrinários adquiridos nas escolas; e a inclusão do segmento feminino na Linha de Ensino Militar Bélico.

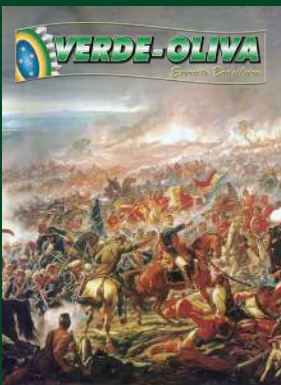
Conheça, também, a Operação Leão do Norte, que descreve a atuação das tropas do Comando Militar do Nordeste ao levar estabilidade e segurança ao povo pernambucano, com uma atuação exemplar do Soldado nordestino.

Como Personagem da Nossa História, esta Verde-Oliva exalta a figura do herói da Retirada da Laguna **José Francisco Lopes**, o Guia **Lopes**, cujos restos mortais se encontram depositados no monumento aos “Heróis da Laguna e Dourados”, localizado na Praça General **Tibúrcio**, Praia Vermelha, no Rio de Janeiro.

Tenha uma proveitosa e agradável leitura.


Gen Div Otávio Santana do Rêgo Barros
Chefe do CCOMSEx

NOSSA CAPA



"Batalha do Avaity"
Pintura em tela do
artista plástico
Pedro Américo
(1843-1905)

Sumário

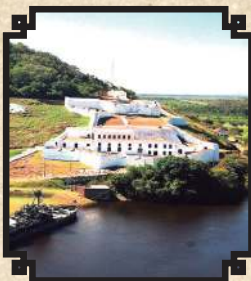


6



A Guerra da Tríplice
Aliança

14



O Forte de Coimbra

16



Retirada da Laguna:
derrota ou vitória?

24



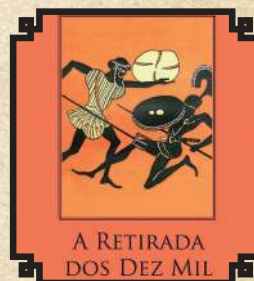
A Retomada de
Corumbá

28



Pacatá, o heroico
guerreiro Kinikinawa
e o combate do Porto
de Maria Domingas

32



Comparação sintética:
Retirada da Laguna
X
Retirada dos Dez Mil



34

Nossas OM: 17º B Fron

40

Verde-Olive Entrevista

42

O Centro de Psicologia Aplicada do Exército e a Avaliação Psicológica

46

O Banco de Dados Geográficos do Exército

51

A presença dos grupos religiosos no Exército Brasileiro

54

Uma Escota Inesquecível

58

EsPCEX abre seus portões para as futuras combatentes do EB

62

Manobra Escotar 2016

65

Um exemplo de amor à História Militar

68

Operação Leão do Morte

74

Personagem da Nossa História

Espaço do Leitor

“Prezados amigos da Revista Verde-Oliva! Excelente matéria sobre as realizações do General **Newton Cavalcante**, mormente em Campo Grande (MS), publicada na edição número 231 – O Centro de Capacitação Física do Exército e os Jogos Rio 2016.

Contudo, cabe aqui destacar que, dentre as obras citadas no artigo, os dois principais símbolos da Capital Morena foram por ele idealizados: o Obelisco, símbolo-mor da cidade e o marco para o registro das distâncias oficiais do Município; e o Relógio da 14, que em nossos dias está na esquina das Avenidas Calógeras e Afonso Pena. Estas obras foram feitas para reerguer o moral dos campo-grandenses, após sua participação na Revolução Constitucionalista de 1932.

Também foi ele quem coordenou a construção do campo de pouso da Aviação Militar na cidade, que depois passou a ser usado por linhas civis e pelo Correio Aéreo Militar. Esse foi o embrião do que é hoje (mas noutro lugar) a atual Base Aérea de Campo Grande. Grande abraço a todos.”

Luiz Eduardo Silva Parreira—Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul.

“Gostaria de informar que finalizei a distribuição da Revista VO – número 228 – que trata da Logística no Exército Brasileiro. Como oficial R2 e concludente do Curso de Logística em faculdade civil, espero ter contribuído para divulgar a Instituição junto aos jovens que frequentam esse mesmo curso.

Agradeço pelo envio das revistas.”

Antonio Hidalgo—Diadema (SP).

“Agradeço à Revista Verde-Oliva a matéria sobre meu pai, General **Paulo Campos Paiva**, na seção “Personagem da nossa História”. Eu e minha família ficamos satisfeitos em ver que o Exército Brasileiro (EB) não se esquece daqueles que se dedicaram de coração e alma ao Brasil e à nossa Instituição.

Quando meu pai passou à reserva, perguntei a ele qual fora o momento mais relevante de sua passagem pelo EB. Pensei que ele iria dizer que fora a FEB, mas meu pai disse ter sido o comando do Corpo de Cadetes da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN). Completou a resposta dizendo que o entusiasmo dos cadetes lhe tinha revigorado a vibração e a crença de que o futuro do Exército estava garantido.”

Gen Bda R1 **Luiz Eduardo Rocha Paiva**.

“Como acontece todos os anos, por ocasião do dia da Independência do Brasil, a Igreja Batista realizará um Culto Cívico, com as presenças de representantes das nossas Forças Armadas.

Neste ano, no intuito de agradecer a Deus pela vida dos nossos militares e manter viva, em nossa membresia, o amor pela Pátria, principalmente nos dias turbulentos em que estamos vivendo, queremos distribuir material alusivo às várias atividades desenvolvidas pelos nossos soldados.

Sendo assim, solicitamos que seja estudada a possibilidade de nos enviar gratuitamente 50 exemplares da Revista “Verde-Oliva” e 20 exemplares da Revista “O Recrutinha”, novos ou mesmo de edições passadas.”

Arçanina Decoté Guilherme—Diretora de Programações Especiais—Cachambi (RJ).



Prezado leitor:

Entre em contato conosco pelo e-mail redacao@ccomsex.eb.mil.br.

Gostaríamos de conhecer sua opinião sobre a Revista Verde-Oliva.

Equipe Verde-Oliva

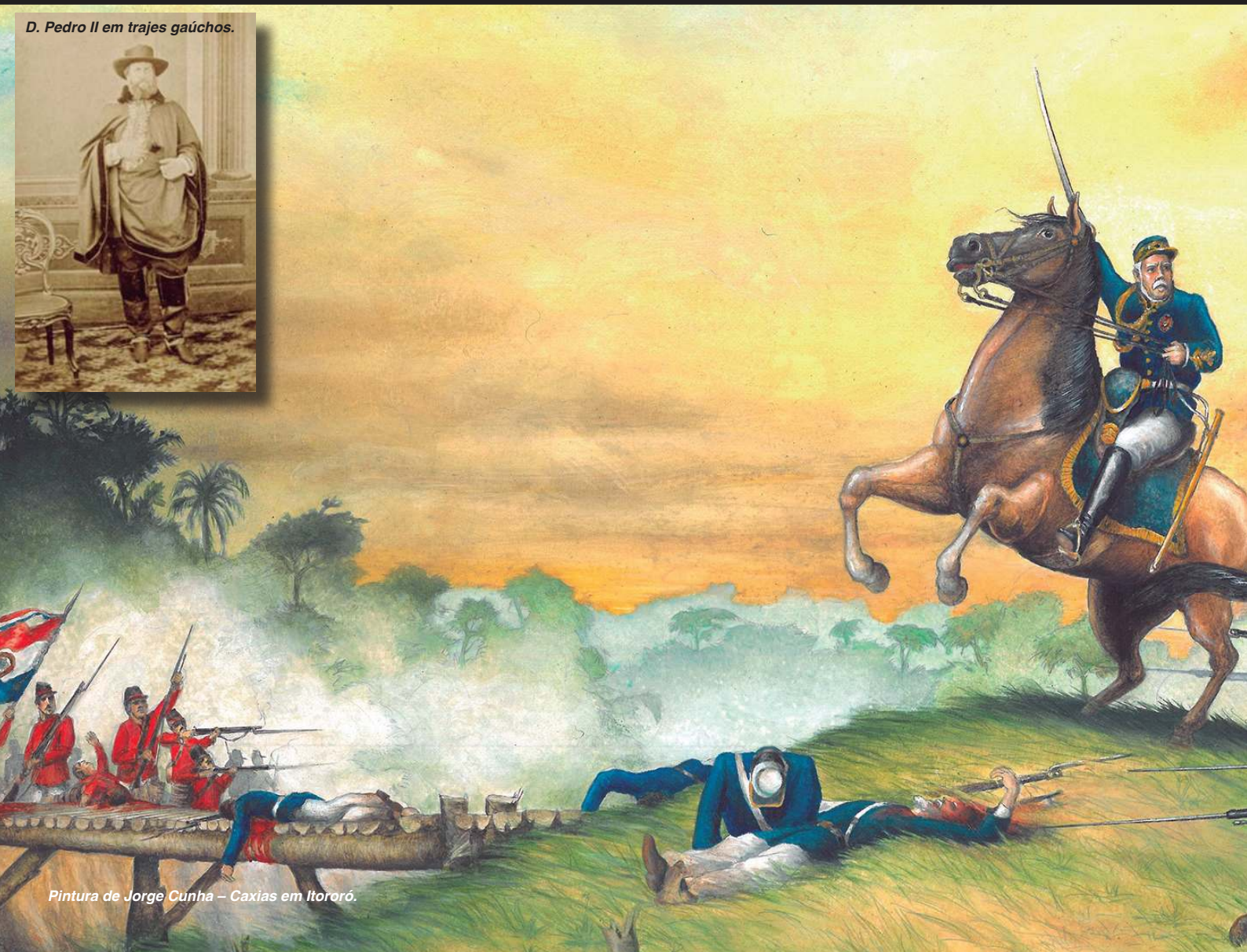


A Guerra da Tríplice Aliança

O estudo da Guerra da Tríplice Aliança (Argentina, Brasil e Uruguai), contra Solano Lopez (Paraguai), avulta em importância por ser considerado por pesquisadores um ponto de inflexão no longo processo histórico de construção do Estado e do Exército Brasileiro. Esse conflito interferiu na realidade social e, ao mesmo tempo, na formação da Força Terrestre.

Autor: Coronel R1 **Cláudio Skora Rosty** – Pesquisador do Centro de Estudos e Pesquisas de História Militar do Exército (CEPHIMEx) Seção de pesquisa histórica, 2º Vice-presidente do Instituto de Geografia e História Militar do Exército (IGHMB) e orador da Academia de História Militar Terrestre do Brasil do Rio de Janeiro (AHIMTB/RJ).

D. Pedro II em trajes gaúchos.



Pintura de Jorge Cunha – Caxias em Ipororó.

Estrutura militar dos países litigantes

No Brasil, foi difícil arregimentar voluntários para a luta externa. O Decreto nº 3725 A, de 6 de novembro de 1866, impunha o recrutamento forçado e a concessão de liberdade aos escravos designados para o serviço do Exército na Guerra do Paraguai. Os baixos salários, as punições com açoite e as precárias condições de vida na caserna faziam do Exército uma opção pouco atraente, até mesmo para as classes menos favorecidas.

Em 1º de maio de 1865, quando foi celebrado o Tratado da Tríplice Aliança, entre Argentina, Brasil e Uruguai, o Brasil possuía uma população de quase dez milhões de habitantes, dos quais cerca de 20% eram escravos. A Argentina contava com apenas um milhão e meio e o Uruguai abrangia de 250 a 300 mil habitantes. A estrutura militar dos países envolvidos era precária diante das dimensões do conflito.

O Exército profissional do Império Brasileiro era complementado pelas Guardas Nacionais, que eram empregadas nas esporádicas disputas regionais. Seus efetivos eram despreparados e seus oficiais, apesar das medidas legais de regulamento de 1850, ainda eram recrutados no seio da sociedade dentro da classe dominante, obedecendo a um critério de posse financeira e de bens materiais.

Na Argentina e no Uruguai, a situação era praticamente a mesma. Eles eram carentes de uma estrutura bélica centralizada, suas forças militares estavam calcadas no poder de caudilhos locais e regionais.

A infantaria brasileira passou a contar com 22 batalhões, sendo sete de infantaria pesada e os restantes de infantaria ligeira e de caçadores. A indumentária e o armamento eram os itens que os diferenciavam. O Corpo de Voluntários da Pátria (CVP) tomou parte na campanha de forma brilhante, preenchendo os claros abertos pelo inimigo nas fileiras da tropa de primeira linha. A fim de suprir os claros não preenchidos pela Guarda Nacional, foram criados 57 CVP de infantaria.

A Esquadra Imperial era moderna e poderosa. Dispunha de 42 navios e de aproximadamente quatro mil homens.

O Paraguai apresentava um quadro bem diferente. A centralização administrativa, política e econômica colocou à disposição do governo todos os recursos materiais e humanos do país e permitiu a organização de um Estado fortemente militarizado, na mão de um só homem – **Solano Lopez**. Todos os adultos do sexo masculino eram arregimentados e a história do país podia ser resumida em submissão absoluta, fanatismo, obediência cega, dedicação heroica e bárbara ao seu governante, combinados com repulsa e desprezo pelo estrangeiro, herdado de um grande período de isolamento.

No início da guerra, com uma população de quase 400 mil habitantes, o adversário da Tríplice Aliança provavelmente dispunha de uma clara superioridade militar. Contava com um contingente variando entre 28 e 57 mil homens, mais cerca de 30 mil reservistas concentrados e treinados no acampamento de Cerro Leon, o que equivale dizer que toda a população masculina estava pronta para a guerra.

Enquanto isso, o Exército Argentino variava de 25 a 30 mil homens, dos quais apenas 10 ou 15 mil estavam em condições de atuar em uma guerra externa. O Exército Uruguaio tinha no máximo cinco mil homens e o do Brasil, de 17 a 20 mil, embora pudesse dispor, também, da polícia militar e de uma ampla reserva de até 200 mil homens, na forma de Guarda Nacional.

Esse era o quadro de efetivos disponibilizado para o combate no Teatro de Operações sul-americano.

Solano Lopez.



As operações de combate



Após a declaração de guerra, a historiografia militar desse conflito nos induz a dividir as operações de combate em duas fases: a ofensiva paraguaia e a contraofensiva aliada. Na paraguaia, a preparação e os treinamentos no acampamento de Cerro Leon são estudados.

A guerra foi deflagrada devido ao aprisionamento do navio “Marquês de Olinda”, em Assunção, e à invasão das Províncias do Mato Grosso e do Rio Grande do Sul. Em 14 de dezembro de 1864, **Lopez** determinou a invasão do Mato Grosso, cuja campanha se caracterizou por duas expedições militares: a primeira fluvial, em direção a Corumbá; e outra terrestre, em direção a Miranda, Nioaque e Dourados.

Retirada da Laguna é o nome dado à marcha dos expedicionários que, oriundos do Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Minas Gerais, lutaram em defesa do nosso território invadido por tropas paraguaias no sul do pantanal mato-grossense. Essa epopeia é considerada

por estudiosos da arte da guerra uma operação militar emblemática e rica em virtudes e valores militares.

A invasão de Corrientes representava a ação principal de **Lopez** para o Sul, tendo por objetivos: destruir as forças estacionadas na Mesopotâmia Argentina; facilitar o levante de Entre Rios e Corrientes; e conquistar uma base de manobras, imposta por haver a Argentina negado o trânsito das forças paraguaias por Corrientes, e por ser vital à invasão do Rio Grande do Sul.

A segunda fase de estudo é a contraofensiva aliada, que pode ser dividida em três comandos: de **Osorio**, de **Caxias** e do **Conde D’Eu**. Em 1º de março de 1865, o Marechal **João Propício Mena Barreto** pediu exoneração por motivo de saúde, passando sua missão ao Brigadeiro **Manoel Luís Osorio**, que assumiu interinamente.

Principais Batalhas

Passados sete meses do início da guerra, no dia 11 de junho de 1865, domingo da Santíssima Trindade, duas divisões da nossa Esquadra, sob o comando do Almirante **Barroso**, ancoradas na margem direita do Rio Paraná, com combatentes de mar e terra – 1113 da Marinha e 1174 do Exército – foram surpreendidas pela esquadra inimiga. Iniciava-se, assim, uma das mais gloriosas páginas da Marinha do Brasil, um perfeito exemplo de uma bem-sucedida operação conjunta dessa força singular com o Exército Brasileiro: a Batalha Naval do Riachuelo.



Brigadeiro Sampaio ferido e a Artilharia Revólver do Coronel Mallet.

Em 16 de abril de 1866, **Osorio** deu início à invasão do território paraguaio, combateu à frente do primeiro escalão e, ocupou o Forte Itapiru e Passo da Pátria.

A Primeira Batalha do Tuiuti foi a maior e mais importante ação em toda a campanha, que ficou conhecida como a Batalha dos Patronos (**Osorio** – Cavalaria; **Sampaio** – Infantaria; **Mallet** – Artilharia; e **Severiano da Fonseca** – Serviço de Saúde). Foram 32 mil aliados contra 24 mil paraguaios. O saldo da batalha foi de 17 mil baixas (13.000 paraguaios e 4.000 aliados). Pouco depois da vitória, **Osorio**, sentindo-se doente, passou o comando do Primeiro Corpo de Exército ao Marechal **Polidoro da Fonseca Quintanilha Jordão**.

Os combates na linha de Sauce – Boqueirão, nas trincheiras paraguaias, causaram 1.700 baixas entre mortos e feridos aliados e 2.500 perdas paraguaias.

O ataque a Curupaiti aconteceu com forte bombardeio da esquadra brasileira. Por terra, começou após o fim do bombardeio naval, mas, também, porque a artilharia da defesa inimiga atirava, incessantemente, sobre a linha de partida na região de Curuzu. Nas trincheiras paraguaias, existiam 8.000 homens e, à sua frente, um terreno alagado, por onde marcharam 20.000 aliados (metade brasileiros, metade argentinos) ao comando de **Mitre**. O avanço aliado manifestou-se impetuoso e cheio de atos de bravura, mas os paraguaios dizimavam impiedosamente as massas de Infantaria que assomavam às suas trincheiras, fazendo, inclusive, excelente uso de seus 90 canhões. Ante o desastre de Curupaiti, foi decidido interromper a operação e voltar à base de partida.

Em decorrência do desastre de Curupaiti e a falta de unidade no comando aliado, as operações se estabilizaram até 1867, dando oportunidade a **Lopez** de melhor preparar seus efetivos.

As tropas brasileiras, nesse intervalo, foram concentradas no acampamento de Tuiuti, onde, em 18 de novembro de 1866, o Marquês de **Caxias** assumiu o Comando-Chefe, iniciando o Segundo Comando Aliado. **Caxias** trouxe o 3º Corpo de Exército como reforço e empreendeu grande reforma e reestruturação, re completando os efetivos e renumerando os CVP. Adotou medidas administrativas para melhorar a disciplina, o suprimento, as condições de mobilidade, a obtenção de informações, com destaque para o emprego de balões. Em 18 de junho de 1867, **Osorio** retornou ao campo de batalha.

Ao concluir que seus 38.000 homens e 160 bocas de fogo eram insuficientes para romper a posição fortificada de Humaitá, com 30.000 homens entrincheirados e mais de 200 canhões paraguaios, **Caxias** optou por realizar uma Marcha de Flanco e procurar uma brecha no dispositivo inimigo.

Lopez, percebendo a necessidade de retomar a iniciativa, decidiu realizar um ataque de surpresa, com 8.000 homens, com a finalidade de destruir o núcleo de forças aliadas estacionadas em Tuiuti e cortar o eixo de suprimento de Passo da Pátria. O ataque, embora tenha obtido êxito inicial em virtude da surpresa, esbarrou no comércio de Tuiuti e ali ficou. Os paraguaios abandonaram o ataque e se dedicaram ao saque, permitindo que **Porto Alegre**, que retraiu para o centro do dispositivo fortificado, se reorganizasse e contra-atacasse. O inimigo expulso em fuga desordenada deixou mais de 2.000 mortos, além de 3.000 carabinas, uma bandeira, um estandarte, muitas lanças e espadas. Tivemos 1.600 homens fora de combate, e os argentinos, 200 homens. Essa batalha ficou conhecida como Segunda Batalha do Tuiuti.

Em 5 de agosto, o Exército Aliado ocupou Humaitá, que passou a ser base de apoio para as operações futuras em direção ao norte, na busca do contato com o inimigo.

Ao atingir as fortificações inimigas no corte do rio Piquiciri, **Caxias** mandou construir uma estrada sobre o Chaco, na margem direita do Rio Paraguai, desbordando as defesas paraguaias. As operações passaram a ser realizadas de Norte para Sul e foram denominadas “Dezembrada”.





Para a travessia do arroio Itororó, existia uma estreita ponte de madeira, com cerca de cinco metros de largura. O inimigo se antecipou e ocupou a região da ponte com 5.000 homens. Após vários combates sem sucesso, **Caxias** decidiu passar o obstáculo à viva força. A visão desse risco levou **Caxias** ao gesto supremo de arrancar a galope pela ponte e arrastar consigo os batalhões que desalojaram das colinas os paraguaios. É nessa conjuntura extrema que o maior dos nossos generais, em última cartada, desembainhou a espada e lançou na história a proclamação que jamais será esquecida: "Sigam-me os que forem brasileiros!".

Em 11 de dezembro de 1868, o Terceiro Corpo de Exército atacou as forças paraguaias sob intensa chuva nas margens do arroio Avaí. Só restaram 200 paraguaios, que conseguiram fugir para a Lomas Valentinas. **Osorio** foi ferido na mandíbula e, mais uma vez, deixou o Teatro de Operações.

Em 21 de dezembro, deu-se o primeiro ataque de isolamento a Angostura, que permitiu a abertura do dispositivo de Piquiciri, por onde

Cerro Corá – local da morte de Solano Lopez.



passou o destacamento de Palmas, propiciando o completo cerco das tropas de **Lopez** em Itatité. **Caxias**, na véspera do Natal, propôs a rendição e **Lopez** declarou que só lhe restava uma opção: "Vencer ou Morrer".

Após a vitória, **Caxias** lançou a Ordem do Dia nº 272, de 14 de janeiro, e nela descreveu a Campanha do Piquiciri. Terminou-a com esta afirmação: "A guerra chegou a seu termo, e o Exército e a Esquadra Brasileira podem ufanar-se de haver combatido pela mais justa e santa de todas as causas." **Caxias**, no dia 17 de janeiro de 1869, assistindo a uma missa, que mandara rezar na Catedral de Assunção, em homenagem a todos os que morreram em combate, sofreu uma síncope. No dia seguinte, passou interinamente o comando para o Marechal **Guilherme Xavier de Souza**, retirando-se para o Brasil.

Solano Lopez, pressentindo a derrota em Lomas Valentinas, escapou e permaneceu estacionado em Peribebui, onde reuniu um novo exército, em sua maioria de jovens.

Os aliados suspenderam suas operações, a fim de reorganizar a tropa, realizar substitui-

ções, reconstituir unidades, organizar os aprovisionamentos e fazer reconhecimento. Outra preocupação dos aliados foi a de negar recursos básicos de abastecimento ao novo exército paraguaio, realizando várias incursões às localidades que pudessem fornecer suprimentos e, sobretudo, a destruição dos restantes navios paraguaios e da fundição de **Lopez** em Ibicuí.

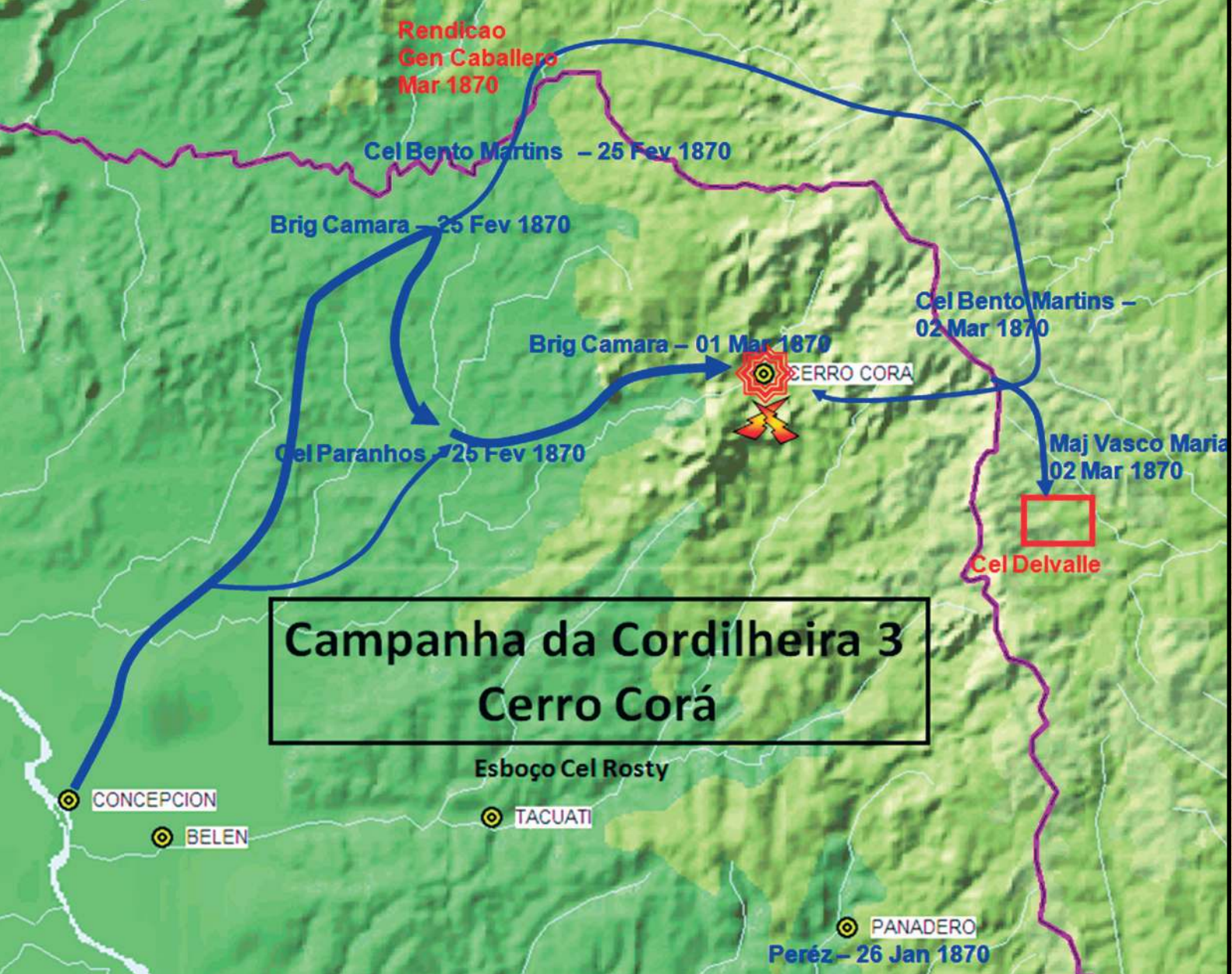
Durante o comando do General **Guilherme Xavier de Sousa**, substituto de **Caxias**, até a chegada do Marechal **Gastão do Orleans Conde d'Eu**, genro do Imperador, foram restabelecidas as linhas férreas e as ligações telegráficas.

O Terceiro Comando Aliado teve início com a assunção do **Conde D'Eu**, em 16 de abril de 1869. A implacável perseguição ao segundo exército paraguaio até a morte de **Lopez**, em Cerro Corá, ficou conhecida por Campanha da Cordilheira.

Na tarde de 6 de junho de 1869, General **Osorio** voltou ao teatro da guerra. Chegou à estação de Piraju, sendo recebido pela tropa em verdadeiro triunfo.

No prosseguimento das operações, foi des-





ferido forte ataque ao Quartel-General de **Lopez**, em Perebebuy, capital da república paraguaia. Nessa batalha, o inimigo teve aproximadamente 120 mortos e mais de 1.100 prisioneiros. As perdas aliadas foram mínimas: 25 mortos e 192 feridos. Dessa feita, caiu morto o bravo General **João Manuel Mena Barreto** na contraescarpa de uma trincheira inimiga. Disse o próprio **Conde d'Eu** que, com a ocupação de Piribebuí, ficara definitivamente cortada a retirada inimiga para Leste.

Finalmente, em 1º de março de 1870, os paraguaios foram cercados em Cerro Corá, onde **Lopez** foi lanceado e teve o seu fim.

Conclusões

A Campanha da Tríplice Aliança custou caro e foi o Império Brasileiro quem pagou a conta. Embora tenha trazido ensinamentos na arte da guerra, custou caro não só em recursos, mas

em perdas materiais e vidas humanas. Foi a população local a mais sacrificada.

Também chamada de “A Guerra Grande”, fortaleceu o prestígio do Exército e da Marinha e desencadeou o desmantelamento da Guarda Nacional. Porém, a tropa brasileira, representada por seu povo em armas, reunido em CVP de todos os rincões do País, lutou bravamente em solo estrangeiro e consolidou a unificação territorial e o sentimento de nacionalidade.

Rememorar o sesquicentenário da Guerra da Tríplice Aliança é reconhecer o patriotismo e o heroísmo de todos os combatentes dos países que participaram daquele conflito e, mais, é prestar justa homenagem aos que tombaram nos campos de batalhas. A eles o nosso eterno reconhecimento e que o Grande Arquiteto do Universo os coloque junto aos demais heróis de suas Pátrias, para serem os vigilantes da liberdade e da soberania de seus países.





SEGURANÇA DOS RECURSOS HUMANOS

SEGURANÇA RESIDENCIAL: dicas e orientações



A insegurança está presente no nosso dia a dia e cada vez mais é necessário estar alerta com a proteção de nossas residências. Afinal, elas abrigam nossos pertences, não podendo deixar de ser considerado o bem mais precioso de todos, a família. Durante os períodos festivos e de fim de ano, a incidência de **roubos** ou **furtos** a residências aumenta de modo significativo.

Nessas épocas, muitos moradores viajam por motivo de férias, deixando suas residências **fechadas e trancadas**.

Cria-se, então, oportunidades para que criminosos possam atuar. Contudo, independente se você vai ou não viajar, torna-se primordial a adoção de algumas medidas preventivas para obstruir ou neutralizar ações ilícitas contra a sua residência, visando garantir um nível de segurança satisfatório.



Algumas medidas importantes:

1. Evite comentar com pessoas que não sejam de sua estrita confiança sobre seus afastamentos de sua residência (férias, viagens etc.);
2. Verifique a idoneidade da empresa ou da pessoa que irá prestar serviço na sua residência;
3. Confira a identificação do prestador de serviço e se realmente a sua visita está prevista antes de autorizar a entrada em sua residência;
4. Evite chamar a atenção em relação aos bens que adquire (TV, DVD, Home Theater, etc) para a sua residência. Na hora de descartar as suas embalagens, corte-as em pedaços pequenos e coloque-as dentro de sacos não transparentes;
5. Fique atento a pessoas estranhas que estejam rondando a vizinhança; e
6. Não jogue no lixo qualquer tipo de documento que contenha informações que o identifique (contas de água, luz ou telefone; envelopes de correspondências em que conste seus dados) ou que registre informações sobre seus costumes (faturas de cartão de crédito, notas fiscais, comprovantes de pagamento com débito ou crédito).

DICAS DE SEGURANÇA

- Instale dispositivos de segurança eletrônicos (circuito fechado TV, alarmes, sensores de fotocélula, fechaduras, etc.
- Instale películas de Insul Film 100% em suas janelas.
- Instale câmeras de transmissão on-line para monitorar sua residência a distância.
- Instale sensores de movimento com sistema de luzes e alarmes nas entradas principais e nas áreas próximas às janelas.

O Forte de Coimbra

O Forte de Coimbra foi fundado em 1776 pelo Capitão **Mathias Ribeiro da Costa**, que havia sido incumbido pelo governador da capitania de Mato Grosso, **Luis de Albuquerque Pereira de Mello e Cáceres**, da missão de instalar uma fortificação no curso médio do rio Paraguai. Tal fortificação objetivava garantir à Coroa Portuguesa a posse das terras a oeste do rio Paraguai.

Ao longo de sua história, o Forte de Coimbra foi alvo de dois ataques estrangeiros. O primeiro, em 1801, ocorreu sob o comando do Tenente-Coronel **Ricardo Franco de Almeida Serra**. Naquela oportunidade, o forte estava sendo reerguido em alvenaria e



pedra, uma vez que a instalação original era uma paliçada de carandá (palmeira típica da região). O invasor contava com 800 homens, sob o comando de **D. Lázaro de Ribera**, então Governador de Assunção, enquanto que o forte contava com 109 homens. Apesar da superioridade bélica da força inimiga ser incontestável, a tropa resistiu ao cerco por dez dias e, em seguida, rechaçou o inimigo. O feito daqueles homens ecoou pela capitania, movimentando as demais guarnições para a defesa da fronteira oeste.

Em 27 de dezembro de 1864, no contexto da Guerra da Tríplice Aliança, o Forte de Coimbra sofreu o segundo ataque. Desta vez, a força invasora somava 3.200 homens, armados com canhões e protegidos por dez embarcações de guerra. Naquele momento, o Coronel **Hermenegildo Portocarrero**,

que se encontrava em visita de inspeção à Praça de Coimbra, assumiu heroicamente o comando dos 149 homens existentes na guarnição e organizou a defesa da posição. Após dois dias de combate, impossibilitado de receber novo suprimento e de ser reforçado, o Coronel **Portocarrero** ordenou a retirada para Corumbá, a fim de evitar o sacrifício de vidas humanas e dar o alerta oportuno àquela guarnição, que seria o próximo objetivo paraguaio.

Destaca-se o significado histórico e religioso da padroeira do Forte, **Nossa Senhora do Carmo**, que exerceu papel encorajador e aglutinador nos dois combates, creditando-se a ela o milagre de ter salvado as guarnições do Forte.

Com o fim da Guerra da Tríplice Aliança, em 1870, o Forte de Coimbra foi reocupado e reconstruído. No ano de 1907, foi iniciada a construção das atuais instalações do aquartelamento e, a partir de 1908, o Forte foi desocupado. Em 1950, a guarnição ganhou a denominação de 1ª Bateria do 6º Grupo de Artilharia de Costa e Forte Coimbra.

A tropa de artilharia permaneceu em Coimbra até 1992, quando a organização militar passou a ser mobiliada por infantes da 3ª Companhia do 17º Batalhão de Fronteira. Dois anos mais tarde, após ganhar a autonomia administrativa, a organização militar passou a ser designada 3ª Companhia de Fronteira e Forte Coimbra, subordinada diretamente à 18ª Brigada de Infantaria de Fronteira, sediada em Corumbá. Em 2002, a subunidade recebeu a denominação histórica de Companhia Portocarrero.

Além do forte, a localidade de Coimbra destaca-se por suas belezas naturais e pela religiosidade de sua comunidade. A biodiversidade da região é assegurada pelo seu isolamento, possibilitando aos visitantes a oportunidade de contemplar inúmeras espécies vegetais e animais. Na época da pesca, os adeptos desta atividade esportiva vêm para Coimbra em busca de peixes como pintado, jaú, dourado, pacu, entre outros. Em julho, a população local mobiliza-se para a festa de **Nossa Senhora do Carmo**, quando centenas de devotos ali correm para agradecer ou fazer pedidos à padroeira do forte.





Retirada da Laguna: derrota ou vitória?

Autor: Cel R1 Francisco José Mineiro Junior

Toda guerra é preta de dor. São ferimentos e destruições, são órfãos e viúvas, fogo e doença, são homens despedaçados instantaneamente no fragor das explosões ou gemendo dias a fio, ansiando o alívio da morte. A única justificativa de todo o sofrimento e esforço é a vitória. A doce Deusa Vitória e seu séquito: a glória, o prestígio, o lucro, o saque e a imposição da vontade. Então soa paradoxal quando uma retirada é

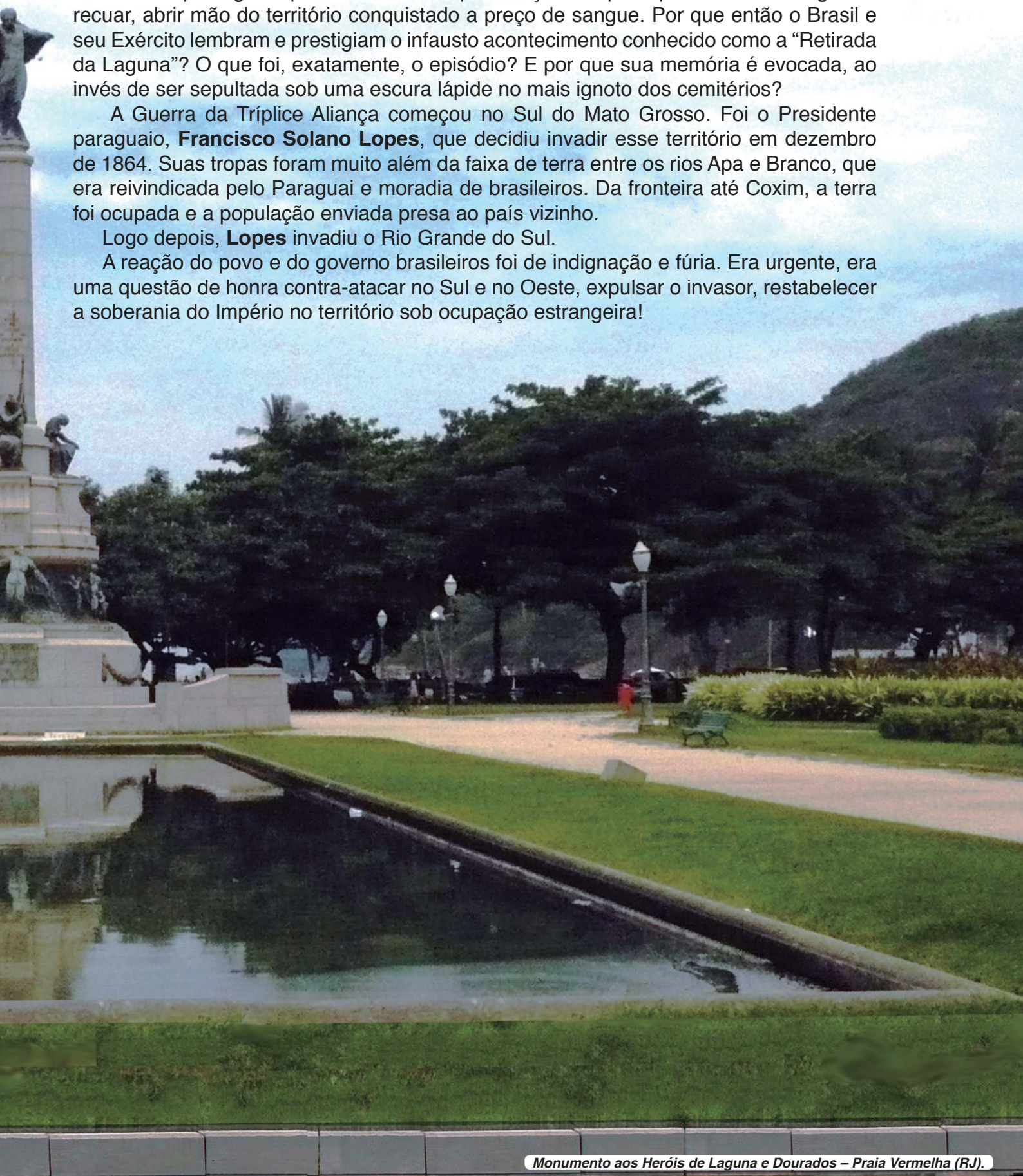


lembrada e prestigiada por um Exército e pela Nação de que é parte. Retirada significa recuar, abrir mão do território conquistado a preço de sangue. Por que então o Brasil e seu Exército lembram e prestigiam o infausto acontecimento conhecido como a “Retirada da Laguna”? O que foi, exatamente, o episódio? E por que sua memória é evocada, ao invés de ser sepultada sob uma escura lápide no mais ignoto dos cemitérios?

A Guerra da Tríplice Aliança começou no Sul do Mato Grosso. Foi o Presidente paraguaio, **Francisco Solano Lopes**, que decidiu invadir esse território em dezembro de 1864. Suas tropas foram muito além da faixa de terra entre os rios Apa e Branco, que era reivindicada pelo Paraguai e moradia de brasileiros. Da fronteira até Coxim, a terra foi ocupada e a população enviada presa ao país vizinho.

Logo depois, **Lopes** invadiu o Rio Grande do Sul.

A reação do povo e do governo brasileiros foi de indignação e fúria. Era urgente, era uma questão de honra contra-atacar no Sul e no Oeste, expulsar o invasor, restabelecer a soberania do Império no território sob ocupação estrangeira!



Monumento aos Heróis de Laguna e Dourados – Praia Vermelha (RJ).

paraguaios. Trouxe consigo rebanhos de seu gado que cedeu para mitigar a fome dos expedicionários.

Na Nioaque semidestruída pelos guaranis, o Comandante da tropa era o Coronel **Carlos de Moraes Camisão**. A ele cabia a decisão de, apesar da falta de recursos, tentar invadir o Paraguai pelo norte ou recuar. A falta de toda sorte de recursos, principalmente comida, era fator preponderante, indicando o recuo. E, de mais a mais, a tropa invasora também tinha ido embora do Brasil.

Mas **Camisão** estivera em Corumbá dois anos antes, quando aquela guarnição militar recebeu ordem de abandonar a cidade, e esta ação pesava em seu passado como uma mancha. Pessoas o haviam acusado, e a todos de Corumbá, de covardia. Talvez por isto, talvez como uma forma de desagravar seu nome, o Comandante decidiu avançar para o sul.

Conta **Taunay** que, bem no momento em que se reuniu o Conselho de Guerra para decidir pelo recuo, chegou um rebanho, o último do fazendeiro **José Francisco Lopes**, e foi o sinal que **Camisão** queria para decidir pelo avanço.

Corriam rumores de que, poucas léguas depois da fronteira, havia uma fazenda de propriedade do próprio **Solano Lopes**, cheia de gado e de outros recursos, que poderiam reabastecer a tropa brasileira. Aqueles boatos podem também ter servido de motivação para a equivocada decisão. No dia 21 de abril de 1867, a tropa brasileira atravessou o rio Apa, fronteira reconhecida pelo Brasil. **Camisão** fez consignar em documento a hora em que cruzou o rio e bebeu um copo de suas águas, naquele tempo, límpidas. Mais de mil e oitocentos militares, e um sem-número de mulheres, comerciantes, crianças e índios pisaram a fronteira líquida.

A Retirada

Os brasileiros avançaram Paraguai adentro, alcançaram a Fazenda Laguna e, num ataque de surpresa, derrotaram a tropa paraguaia que lá estava. Mas, sem cavalos, não conseguiram alcançar os paraguaios, que se retiraram levando todo o gado e incendiando o que ficou para trás. Sem alimentos, sem cavalos e sem comunicação com o Brasil, **Camisão** tomou a inescapável decisão: iniciar uma retirada. E, no dia 8 de maio, começa o difícil caminho de volta.

No dia 11 de maio, os retirantes atravessaram o rio Apa de volta para o território brasileiro. Num pequeno planalto, três quilômetros depois da travessia, as tropas paraguaias prepararam uma emboscada, e ocorreu a mais feroz batalha da campanha do Mato Grosso. O treinamento e o desespero dos brasileiros fizeram com que levassem a melhor.

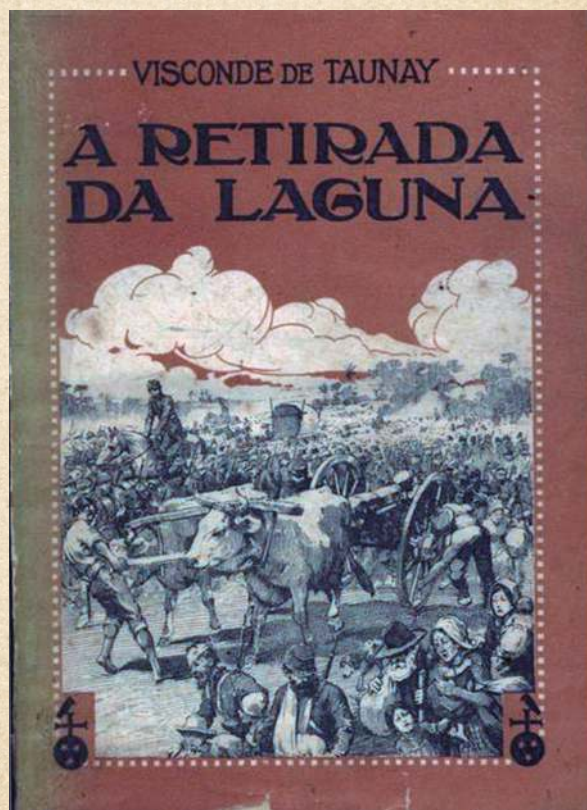




Foto: Cel Mineiro

Homenagem aos mortos na Batalha de Nhandipá, em Bela Vista (MS).

Os atacantes terminaram por recuar para o Paraguai, deixando cerca de 200 mortos. Mas levaram todo o gado que se espalhara pelos campos, apavorado pelos tiros. Dias depois, o comandante paraguaio fez erguer, no local, uma cruz de madeira, em homenagem aos mortos. O acontecimento passou para a História com o nome de Batalha de Nhandipá, e o local onde a areia bebeu o sangue de brasileiros misturado com o de paraguaios hoje é uma praça de Bela Vista, com um monumento.

Os dias que se seguiram foram de inferno sobre a Terra para os retirantes. A coluna passou a ser assediada pela eficiente cavalaria paraguaia, em sucessivas emboscadas. A vantagem dos retirantes eram os quatro canhões *LaHitte*, habilmente manobrados, e as manobras de infantaria, incentivadas pelos Oficiais e pelo espectro da morte.

Entretanto, mesmo sem a ação do inimigo, a marcha já seria insana. Havia a fome, cada vez mais intensa, com os homens chegando a cozinhar peças de couro para comer. Havia o clima extremo. Em alguns dias, um sol causticante, queimando a pele, com seus efeitos agravados pela intensa umidade; na noite, uma friagem que afligia as pessoas

envoltas em roupas úmidas; em outros dias, as violentas tempestades, que estremecem o Pantanal, derramavam-se sobre os fugitivos, ciosos em manter a atenção às emboscadas, o rumo do caminho e a pólvora seca. Naquele período do ano, a vegetação dos campos estava amarela, ressequida. Com dois dias de sol, já o capim e as ramagens viravam uma arma de guerra: os paraguaios, com a rapidez que os cavalos permitiam, ateavam fogo a favor do vento. Naqueles dias, dezenas de retirantes morreram queimados ou sufocados. Os bois de tração morriam e as carretas, com o que restasse de alimento e, principalmente, com as munições, eram empurradas a braço.

Mas o pior flagelo apareceu em forma de doença: o cólera. Oficiais, praças e acompanhantes começaram, em número cada vez maior, a apresentar sintomas da doença que levava ao óbito em um ou dois dias, em meio a dores lancinantes. A cada homem que adoecia, quatro a oito eram mobilizados para carregá-lo. A marcha tornou-se mais lenta, mais dolorosa. Na noite de 24 de maio, o Coronel **Camisão** tomou outra dura decisão: deixar para trás mais de 130 militares atacados pela doença, moribundos. Foi aberta

uma clareira às margens de um riacho, e os doentes deixados à sombra de um precário cartaz: “piedade para os coléricos”. Logo eles foram alcançados e quase todos mortos pelos paraguaios, que denominaram o local do abandono de “Cambarecê” – “o lugar onde o negro chorou”. A expressão “negro” era a referência guarani atribuída a todos os brasileiros. Existem documentos que mostram que pelo menos um dos abandonados conseguiu rastejar entre as macegas e, andando sozinho pelos matagais, viver para contar sua história.

O Coronel **Camisão** não sobreviveu muito à sua dolorosa decisão. Em 29 de março, já às margens do rio Miranda, sucumbiu ao cólera. No mesmo dia, morreu também o **Guia Lopes**. A tropa atravessou o rio já sob o comando do Major **José Tomás Gonçalves** e, do outro lado, encontrou um pomar carregado – a sede da fazenda do **Guia Lopes**. A fartura de laranjas era tal que expulsou a fome e as doenças.

Ainda em marcha, chegaram a Nioaque. Os paraguaios, a cavalo, avançaram à frente e atacaram Nioaque. Antes de retrair definitivamente para o Paraguai, mataram, saquearam e incendiaram quase tudo. Deixaram intacta a pequena igreja. Intacta e cheia de barriletes de pólvora, mais pólvora pelo chão e alguns isqueiros espalhados. Quando a coluna chegou e se espalhou pelo vilarejo, não faltou um militar mais curioso para acionar um dos isqueiros e fazer explodir a igreja, matando 15 brasileiros. Foi a última ação do inimigo no sul do Mato Grosso. A partir daí, a marcha seguiu menos penosa, até os retirantes serem acolhidos pelas tropas amigas no Porto do Canuto, às margens do rio Aquidauana. De quase três mil homens que chegaram a compor a força expedicionária, apenas 700 voltaram a Porto Canuto. Trouxeram as bandeiras, os canhões e a honra intactos. Deixaram milhares de sepulturas.



Homenagem aos mortos na Retirada da Laguna no Cemitério dos Heróis, em Jardim (MS).

Por Quê?

Existe alguma coisa para comemorar em uma sucessão de erros estratégicos e de decisões que resultaram em mais de dois mil mortos, e com pouco impacto sobre o resultado da guerra? Existe. Existe muito a ser visto, estudado e mesmo comemorado. O mais importante é a extrema manifestação de qualidades militares ou, mais que isso, qualidades humanas, daqueles que participaram do episódio. Foi uma magnífica demonstração da persistência, da resiliência, da tenacidade de que o ser humano é capaz, mesmo submetido às mais intensas adversidades. Famintos, sujos, exaustos, doentes, sob tiros e incêndios, sol e chuva, aqueles soldados caminharam e manobram, caminharam e carregaram os doentes e feridos, caminharam e empurraram os

pesados canhões e carretas de munição, caminharam e portaram a bandeira do Império. Os oficiais e sargentos, sofrendo dores intermináveis, comandaram e deram exemplo à tropa.

A medalha criada pelo governo Imperial para os participantes da epopeia tinha o dístico “constância e valor”. Sucinto, lacônico e verdadeiro, pois são esses valores que o sangue, o suor e as lágrimas dos retirantes da Laguna cimentaram na alma brasileira. São esses valores, nobres em qualquer tempo da longa História humana, que aqueles esqueléticos sobreviventes trouxeram em seus bornais, e que devem sempre ser passados aos que no futuro virão.

É por isso, pelo exemplo extremo de constância no cumprimento da missão recebida e de valor pessoal e militar, que os heróis da Retirada da Laguna serão sempre lembrados – mesmo tendo sido uma retirada.



Frente da Medalha.



Verso da Medalha.

A CONCRETIZAÇÃO DE UM SONHO

Esta história aconteceu na cidade de Pirassununga (SP) e teve início no Asilo **Nossa Senhora de Fátima**. Apresentou, como protagonista, o Senhor **Diógenes Pinheiro de Oliveira**, de 85 anos de idade, que participou da pesquisa “Eu ainda quero”, promovida pela Fundação **José Carlos da Rocha**, sediada em Pindamonhangaba (SP). Essa pesquisa foi efetivada junto a idosos assistidos em 12 asilos do interior paulista, com levantamento de sonhos não realizados. Naquela oportunidade, o **Sr. Diógenes** expôs o seu desejo de ter sido soldado do Exército Brasileiro.

Residindo no Asilo **Nossa Senhora de Fátima**, em Pirassununga, próximo ao 13º Regimento de Cavalaria Mecanizado (13º RCMec), o **Sr. Diógenes** foi convidado a ter um dia de soldado, realizando, assim, um sonho antigo.

Com adesão maciça e espontânea do efetivo da Unidade, o **Sr. Diógenes** viveu um dia diferente, participando das mais diversas atividades do quartel: vestiu a farda camuflada, prestou continência em uma formatura com todos os integrantes da organização militar, hasteou o Pavilhão Nacional, realizou deslocamento em um carro de combate e teve instrução de tiro.

O dia foi repleto de emoções; um merecido prêmio proporcionado pelo 13º RCMec a um cidadão que manteve vivo o sonho de servir ao Exército Brasileiro.



A retomada de Corumbá

Corumbá é um município da Região Centro-Oeste do Brasil, situado no atual Estado de Mato Grosso do Sul. Em uma posição estratégica, à margem direita do rio Paraguai, teve sua origem em setembro de 1778, em um ambiente de disputas por território entre portugueses e espanhóis. O primeiro vilarejo, denominado Vila

de Nossa Senhora da Conceição de Albuquerque, foi fundado pelo Sargento-Mor Marcelino Rois Camponês, a mando do Governador da Capitania de Mato Grosso, Luis de Albuquerque Pereira de Mello e Cáceres, com o objetivo de garantir para a Coroa Portuguesa as terras a oeste do rio Paraguai.



A história de Mato Grosso

No período colonial, a história de Mato Grosso é importantíssima, porque o governo do Brasil defendeu o seu perfil territorial e consolidou a sua propriedade e a posse até os limites dos rios Guaporé e Mamoré. Foram assim contidas as aspirações espanholas de domínio desse imenso território. Com a proclamação da nossa independência, os governos imperiais de **D. Pedro I** e das Regências (Primeiro Império) nomearam para Mato Grosso cinco governantes. No período de 7 de setembro de 1822 a 23 de julho de 1840, os fatos mais importantes foram: a oficialização da Capital da Província para Cuiabá (MT), lei nº 19 de 28 de agosto de 1835; e a “Rusga”, movimento nativista de matança de portugueses, a 30 de maio de 1834.

Em 23 de julho de 1840, foi proclamada a maioria de **Dom Pedro II**. Mato Grosso foi governado por 28 presidentes, nomeados pelo Imperador, até à Proclamação de República, ocorrida a 15 de novembro de 1889. Com a independência do Brasil, em 1822, passou a ser a Província de Mato Grosso e com a Proclamação da República, a denominação passou a Estado de Mato Grosso.

Durante o Segundo Império, no governo de **Dom Pedro II**, o fato mais relevante foi a Guerra da Tríplice Aliança, movida pela República do Paraguai contra o Brasil, a Argentina e o Uruguai. Teve início em 27 de dezembro de 1864 e terminou em 1º de março de 1870, com a morte do Presidente do Paraguai, Marechal **Francisco Solano Lopez**, em Cerro-Corá.

Os episódios mais notáveis em terras mato-grossenses, durante os cinco anos dessa Guerra, foram: o início da invasão de Mato Grosso pelas tropas paraguaias, pelas vias fluvial e terrestre; a heroica defesa do Forte de Coimbra; o sacrifício de **Antônio João Ribeiro** e de seus comandados no posto militar em Dourados; a evacuação de Corumbá; os preparativos para a defesa de Cuiabá e a ação do Barão de Melgaço; a expulsão dos inimigos do sul de Mato Grosso e a retirada da Laguna; a retomada de Corumbá; e o combate do Alegre.



A Invasão de Mato Grosso

Sem razões que justificassem tal atitude, o Brasil foi vítima de agressões do Paraguai que, em 27 de dezembro de 1864, atacou o Forte de Coimbra e, em 29 de dezembro de 1864, foi a vez do município de Dourados.

O Paraguai enviou 4.200 homens pela via fluvial, sob o comando do Coronel **Vicente Barrios**, que encontrou heroica resistência no Forte de Coimbra, ocupado por uma guarnição de apenas 115 homens, sob o comando do Tenente-Coronel **Hermenegildo de Albuquerque Portocarrero**.

Pela via terrestre, vieram 2.500 homens, sob o comando do Coronel **Isidoro Rasquin**, que, no posto militar de Dourados, encontrou a bravura do Tenente **Antônio João Ribeiro** e de mais 15 brasileiros que se recusaram à rendição, respondendo à ordem para que se entregassem com uma descarga de fuzilaria. Nessa oportunidade, o Tenente **Antônio João** enviou ao seu Comandante **Dias da Silva**, de Nioaque, o famoso bilhete dizendo: *“Sei que morro, mas o meu sangue e de meus companheiros serão de protesto solene contra a invasão do solo da minha Pátria”*.

A evacuação de Corumbá, desprovida de recursos para a defesa, foi outro episódio notável. A população saiu, através do Pantanal, em direção a Cuiabá, aonde chegou, a pé, em 30 de abril de 1865.



Antonio Maria Coelho – Barão de Amambahy.

Expulsão dos Invasores do Sul de Mato Grosso

O Governo Imperial determinou a organização, no Triângulo Mineiro, de uma “Coluna Expedicionária ao sul de Mato Grosso”, composta de soldados da Guarda Nacional e de voluntários procedentes de São Paulo e Minas Gerais para repelir os invasores daquela região. Do Triângulo Mineiro em direção a Cuiabá, eles receberam ordens, em Coxim, de seguir para a fronteira do Paraguai, reprimindo os inimigos para dentro do seu território.

A missão dos brasileiros tornava-se cada vez mais difícil, devido à escassez de alimentos e de munições, e era agravada pelas doenças oriundas das alagações do pantanal mato-grossense. Em território inimigo, as dificuldades chegaram ao limite e o Comando brasileiro decidiu, então, que a tropa deveria seguir até a fazenda Laguna, propriedade de Solano Lopez em território paraguaio e onde havia, segundo se propalava, grande quantidade de gado. Desse ponto, após repelir violento ataque paraguaio, o Comando optou por empreender a retirada, pois a situação era insustentável. Iniciou-se, portanto, a famosa “Retirada da Laguna”, o mais extraordinário feito da tropa brasileira nesse conflito, configurando-se a página mais brilhante escrita pelo Exército Brasileiro em toda a Guerra da Tríplice Aliança.



A Retomada de Corumbá

A Retomada de Corumbá foi outra página brilhante escrita pelas nossas armas nas lutas da Guerra da Tríplice Aliança. Àquela época, Corumbá era apenas uma pequena vila à beira de um grande rio. Por mais de dois anos, desde o dia 3 de janeiro de 1865, mantiveram-se os paraguaios como senhores absolutos da povoação, sem que fossem importunados.

O então presidente da Província, Doutor **José Vieira Couto de Magalhães**, decidiu expulsar os inimigos do solo corumbaense. Aceitou o plano de ataque concebido pelo Capitão **Antônio Maria Coelho**, comissionou-o ao cargo de Tenente-Coronel e organizou três corpos expedicionários. O primeiro foi comandado pelo próprio Tenente-Coronel **Antônio Maria Coelho**; o segundo, por ele mesmo, o governador; e o terceiro, pelo Major **João Carlos Pereira Leite**, partindo de São Luís de Cáceres.

O primeiro corpo partiu de Cuiabá, em 15 de maio de 1867, com um efetivo de 400 homens. Essa tropa foi levada pelos vapores **Antônio João**, Alfa, Jauru e Corumbá até o lugar denominado Alegre. Após uma marcha penosa, com água batendo na barriga, **Antônio Maria Coelho** e seus soldados atingiram Corumbá em uma tarde brusca e fria, pegando os paraguaios de surpresa, sendo que, muitos deles encontravam-se atacados pela epidemia da varíola. Por acreditar que os inimigos poderiam pressentir a presença dos brasileiros na área, **Antônio Maria** resolveu, com seus oficiais, desfechar o golpe com o uso exclusivo do primeiro corpo, conseguindo, com esse estratagema e com muita luta corpo a corpo, a recuperação da praça.

A Retomada de Corumbá não foi fácil e causou muitas mortes. Nesse confronto, o Capitão **Cunha e Cruz** perdeu a vida, assim como muitos paraguaios, cujos corpos foram lançados ao rio.

Ocorreu, também, o heroico combate do Alegre, outro episódio memorável da Guerra, no qual se destacaram, entre tantos, o Capitão-Tenente **Balduino José Ferreira**

de Aguiar, que deu nome ao farol que está à frente da cidade de Corumbá; o Major **Antônio da Costa**; e o Soldado **Chiba**, que, apesar de ter o corpo forrado de bexiga (a peste da época), sem camisa, todo esfolado pelas pústulas, o peito nu, a cintura em carne viva, não deixou de abrir fogo contra o vapor Salto de Guairá, veloz navio de guerra paraguaio, mandado em perseguição às forças brasileiras.

A posse efetiva da vila não se daria no dia 13 de junho, como se esperava. Os paraguaios ainda permaneceram em Corumbá por mais algum tempo, porque o presidente da Província de Mato Grosso, alarmado com a epidemia de varíola, ordenou que a vila fosse abandonada. Os paraguaios, encontrando-a deserta, voltaram e ocuparam-na novamente. Finalmente, deixaram-na no dia 3 de abril de 1868.

O retorno dos soldados vitoriosos à Capital da Província (Cuiabá) trouxe a varíola ao povo cuiabano, perdendo a cidade quase a metade de sua população.

A Guerra com o Paraguai terminou com a derrota e a morte de **Solano Lopez** nas “Cordilheiras” (Cerro Corá), em 1º de março de 1870. A notícia do fim do conflito só chegou a Cuiabá no dia 23 de março, pelo vapor “Corumbá”, que atracou ao porto embandeirado e dando salvas de canhão.

Corumbá entrou em uma fase de ressurgimento. A fronteira, é verdade, encontrava-se arrasada. Foi necessário bastante esforço para recuperá-la. É interessante afirmar que muitos paraguaios, depois da Guerra, vieram para Corumbá e foram elementos fundamentais na reconstrução das ruínas e na recuperação das fazendas de gado. Trouxeram suas ferramentas, seus laços endurecidos, seus amargos tererés, suas lindas guarânias e foram apagando da lembrança coletiva as consequências de uma Guerra injusta, formando uma sociedade de gente livre, forte e, sobretudo, amiga e fraterna.



Fontes:

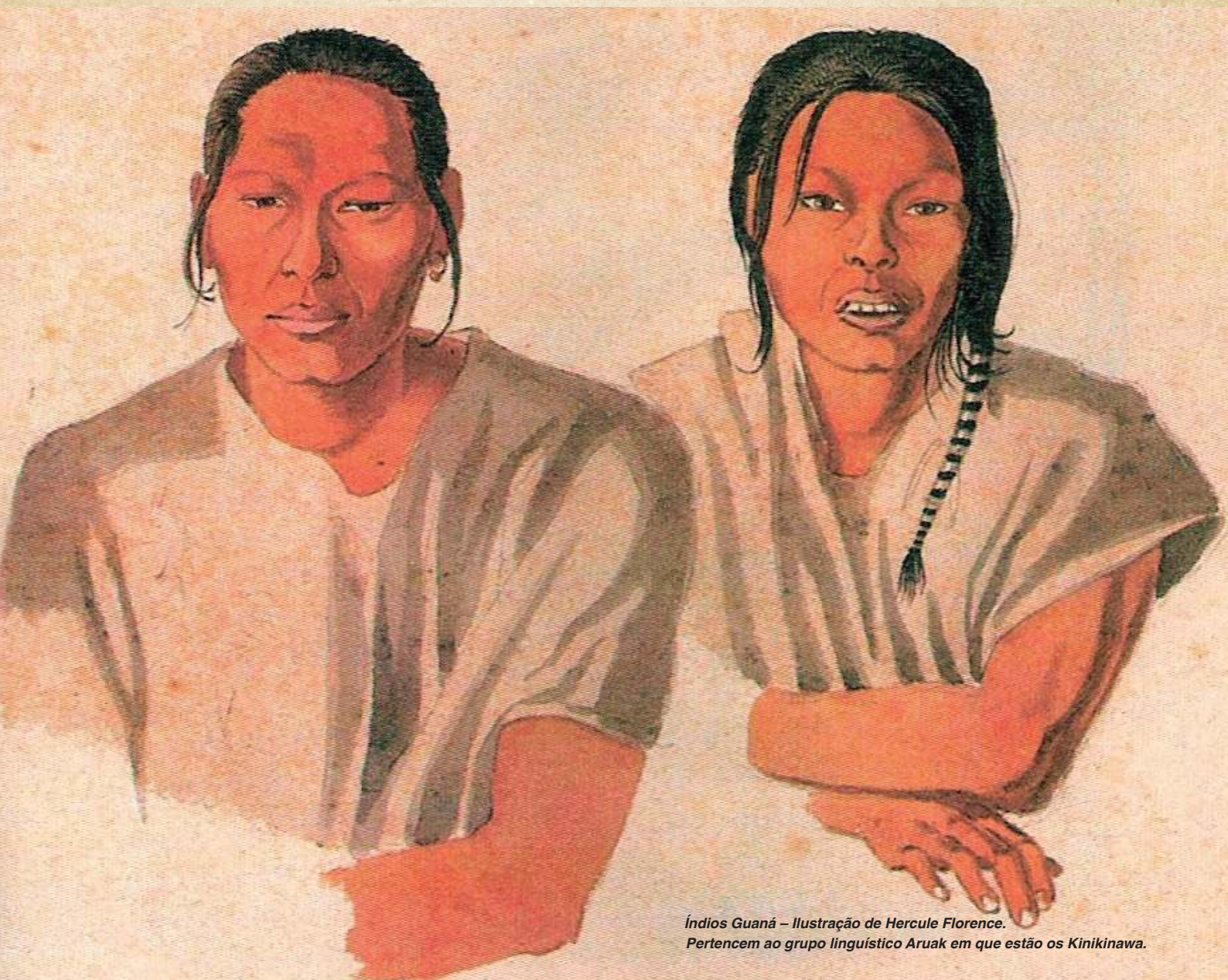
- Augusto César Proença (escritor e autor de *Pantanal, Gente, Tradição e História*); e
- Paulo Pitaluga Costa e Silva



Pacalalá: o heroico guerreiro Kinikinawa e o combate do Porto de Maria Domingas

Autores: Coronel R1 **Fernando dos Anjos Souza** – Doutor em História e
Tenente-Coronel QMB **Mauro Aparecido Ribeiro** – Bacharel em Administração.

*Nas obras do **Visconde de Taunay**, estão registrados episódios que ocorreram na província mato-grossense, onde encontramos relatos da participação dos indígenas em apoio às tropas brasileiras. O presente artigo, baseado em pesquisa bibliográfica sobre o combate no Porto de **Maria Domingas**, em maio de 1866, tem por objetivo destacar a atuação do índio **Pacalalá**, da etnia Kinikinawa, combatendo os invasores paraguaios da Província de Mato Grosso.*



Índios Guaná – Ilustração de Hercule Florence.
Pertencem ao grupo linguístico Aruak em que estão os Kinikinawa.

Na ocasião da Guerra da Tríplice Aliança, durante o período em que o território ao Sul da Província de Mato Grosso permaneceu ocupado pelas tropas paraguaias, indígenas de diversas etnias, desalojados de seus aldeamentos, refugiaram-se na região dos Morros, parte da Serra de Maracaju, atualmente em terras pertencentes ao município de Aquidauana (MS). Esses indígenas enfrentaram os invasores paraguaios, com ações que resultaram na defesa do território e contribuíram para a manutenção da posse territorial pelo Brasil.

A designação “Sul da Província de Mato Grosso” refere-se à porção do território nacional situada no extremo sul dessa província, criada, ainda, em 1821, sucedendo a Capitania-Geral de Mato Grosso, a qual, posteriormente, na República, daria origem ao Estado de Mato Grosso e, pela Lei nº 31, de 11 de outubro de 1977, ao atual Estado de Mato Grosso do Sul.

Alfredo D’Escragnolle Taunay, o Visconde de **Taunay**, como 2º tenente em comissão do Exército Imperial, integrou as tropas brasileiras que pretendiam atacar o Paraguai pelo norte. Na expedição, ingressaram em território paraguaio até a localidade chamada Laguna, onde, acometidas pela falta de suprimentos, principalmente de gêneros, iniciaram uma retirada, narrada na obra “A Retirada da Laguna: episódio da Guerra do Paraguai”.

Em outras obras do Visconde de **Taunay** (1929, 1960 e 2006), há registros dos episódios transcorridos na província mato-grossense e relatos da participação dos indígenas apoiando as tropas brasileiras. Em suas narrativas, encontra-se o combate no Porto de **Maria Domingas**, em maio de 1866, destacando a atuação do índio **Pacalalá**.



Cerâmica Kinikinawa

O Índio Pacalalá

Com o pseudônimo de **Sylvio Dinarte**, em **Camiran** a **Kinikinao**, na série Histórias Brasileiras, publicada no jornal “O Despertador”, o Visconde de **Taunay**, ao narrar de forma poética os fatos que envolveram **Pacalalá** e a mãe indígena, chamada de **Camiran**, faz o seguinte alerta: a “narração verídica em quase todos os pontos e que terá o merecimento de falar, pela primeira e talvez única vez, na história do quanto sofreram os refugiados de Miranda, e, sobretudo, nas façanhas do desconhecido **Pacalalá**” (DINARTE, 1876). Quando chegou ao aldeamento de Agaxi o aviso sobre a ameaça paraguaia, que avançava pelo território brasileiro, **Pacalalá** fora escolhido pela etnia Kinikinawa como líder. A escolha do novo líder, naquele momento de dificuldade, era pelo reconhecimento dos valores do índio que se destacava na condução de negociações dos conflitos entre sua gente e outros, por construir a mais forte cabana da aldeia e por ter uma abundante roça com abóboras, milho, arroz e feijão, compartilhadas com sua mãe. **Camiran**, a índia Kinikinawa, nutria orgulho imenso pelo filho que tinha prestígio entre os seus e a consideração dos brancos.

Avisado da aproximação dos invasores paraguaios, **Pacalalá** ordenou que abandonassem a aldeia no Agaxi e que tomassem o rumo do porto Canuto, no rio Aquidauana, buscando abrigo na serra de Maracaju. Nos Morros, determinou que preparassem roçados e plantassem, de onde obtiveram abundantes cargas de milho e feijão. Com as armas encontradas nos depósitos bélicos na Vila Miranda, que ficaram abandonados pela tropa federal ao ser avisada do avanço paraguaio, **Pacalalá** conseguiu armar trinta moços robustos da sua aldeia.

Em fins de 1865, todos os dispersos da região de Miranda se concentravam nos Morros. Formavam um lugar seguro, onde o inimigo não se aventurava a aparecer.



Dança do bate-pau.

As forças paraguaias de ocupação no sul do Mato Grosso eram permeáveis no imenso território ocupado. Conhecedores do terreno, “por entre as rondas passavam, à noite, os índios, quando desciam da serra para vir laçar reses na planície e alojá-las com mais mansas, tangendo-as assim para o alto dos acampamentos”.

Pacalalá passou a ser um especialista na caçada dos bois da planície e era o mais intrépido em descer da serra. Suas incursões em busca do gado revelam a astúcia e a coragem do líder indígena: *“ficando ali, sem receio dias inteiros, a escolher as reses que contava agarrar. Com alguns companheiros bem armados, chegou a levar oito e mais animais, tendo sempre a cautela de esconder as pegadas ou de deixá-las aparentes, quando nisso via vantagens.”* (DINARTE, 1876).

Em uma ocasião, foi de perto e tenazmente perseguido por uma patrulha inimiga. Enquanto seis índios Kinikinawa recolhiam as reses, **Pacalalá** percebeu que iam ser atacados. A escaramuça foi em local favorável aos seus combatentes. O lugar, já na fralda da montanha, prestava-se maravilhosamente à profícua resistência: serpeava a trilha palmeada por denso matagal de taquaríssimas. Após destacar dois dos seus para continuarem a tocar o gado na ponta, **Pacalalá** e os outros quatro demais companheiros esperaram a ronda em um desfiladeiro. Com certo tiro, prostrou o jovem chefe índio ao paraguaio que vinha abrindo caminho à frente dos seus. Precipitadamente retrocedeu a patrulha inimiga. Ao retornarem com as reses aprisionadas, os vitoriosos guerreiros indígenas foram recebidos festivamente na aldeia.

Em outro encontro, em maio de 1866, no porto, em terras pertencentes à **D. Maria Domingas de Faria**, à margem direita do rio Aquidauana, em local preferido para a travessia da infantaria, acompanhado de seis Kinikinawa e dez Terena, quando trabalhavam na produção de rapaduras, aproveitando o extenso canavial existente na região do porto, foram avistados por uma patrulha paraguaia. Os paraguaios não os combateram de imediato, mas buscaram reforços no Porto Souza, distante dali seis léguas, onde estavam acampados.

Pela narração de **Taunay** (1931), quando os paraguaios retornaram, eram cerca de duzentos contra os dezessete índios. Ao pressentirem que seriam cercados e certamente mortos, os índios apresentaram desânimo. **Pacalalá** os incentivou, mostrando-lhes a vantagem da posição, as armas e as munições de que dispunham, as quais sabiam manejar com destreza, e a necessidade de lutarem para defenderem suas vidas. Então organizou o seu povo, colocando, na orla da floresta, cada companheiro atrás de uma árvore grossa, aconselhando a terem calma e tranquilidade para uma certa pontaria, sem desperdiçar os tiros.

Os paraguaios avançaram, formando uma linha, por um descampado na planície. Os primeiros tiros dos índios feriram mais de doze soldados. Revidados, os índios recuaram para o interior da mata. Foram perseguidos por uma companhia de infantaria, mas obrigaram-na a retroceder. **Pacalalá**, no calor do combate, multiplicou-se. Exaltava o ânimo de cada combatente em toda a parte, incentivando os esforços e o crescente entusiasmo dos companheiros. **Pacalalá** foi mortalmente ferido quando a luta encaminhava-se para o final, com os adversários paraguaios batendo em retirada e certos de terem enfrentado “uma horda inteira de endemoniados. Com **Pacalalá** morto, seus companheiros se encheram de pânico. Conseguiram fugir, aproveitando a escuridão da noite. A notícia da sua morte enlutou os aldeamentos dos morros, de onde imenso alarido fúnebre levantou-se. As

moças Kinikinau, seguindo os ritos da etnia, cortaram os cabelos à altura das orelhas, tiraram qualquer enfeite ou joiazinha, demonstrando o pesar pela morte do seu companheiro.

Esse combate, na região do Porto de **Maria Domingas**, foi considerado o “*mais importante dos feitos de guerra de todo o período da ocupação do sul da Província de Mato Grosso.*”, pois, após a derrota, os paraguaios “*nunca mais incomodaram os refugiados nos morros*” (TAUNAY, 1931, p. 38).

A Etnia Kinikinawa

Segundo **Curt Nimuendaju** (2002), os Kinikinawa pertencem ao grupo linguístico Aruak, em que estão classificados 200 grupos indígenas, incluindo os Guaná, Layana e Terena, o que justifica o entendimento linguístico existente entre eles. O grupo Aruak está distribuído no Brasil pelo oeste do País e norte da Amazônia.

Para o Visconde de **Taunay**, a língua dos diferentes grupos indígenas, existentes no sul da Província, apresentava pequenas alterações que não impediam a fácil compreensão recíproca. Da mesma maneira, os costumes e as práticas também não diferenciavam muito.

Os tipos físicos, porém, ofereciam distinções que assinalavam características de cada uma das etnias. **Pacalalá** é descrito como um jovem com pouco mais de 20 anos, tipo soberbo de robustez, cor de cobre vermelho, feições angulosas, maçãs do rosto salientes, dentes acerados e magníficos. A inteligência e a energia eram denunciadas pelos olhos pequenos e vivíssimos e pelo queixo acentuado. Era, ainda, exímio caçador. **Pacalalá** intercedia em defesa da sua gente e denunciava as irregularidades ou os desmandos ocorridos na sua aldeia e com os outros povos.

Em meados do século XX, os Kinikinawa chegaram a ser considerados por **Darcy Ribeiro (Souza, 2013)** como extintos. Mas a etnia sobrevive, com a maior concentração do grupo habitando a aldeia **São João**, no



interior da terra indígena Kadiwéu, localizada no município de Porto Murtinho (MS). A cerâmica, antiga tradição cultural, ainda é produzida e comercializada na cidade de Bonito (MS).

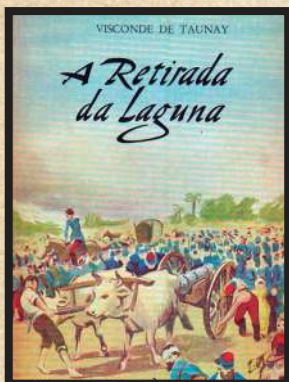
As lembranças da Guerra da Tríplice Aliança continuam na memória dos Kinikinawa sobreviventes. Segundo o Instituto Socioambiental (ISA), em uma dança, conhecida como Dança do Bate-Pau, é relembrada a participação da etnia na guerra. A dança, realizada em importantes eventos para a etnia Kinikinawa, é executada por homens e mulheres de várias idades, incluindo crianças e idosos. Os dançarinos carregam longas taquaras nas mãos e com elas desenvolvem uma coreografia, ora batendo as taquaras com as de outros dançarinos, ora batendo-as no chão. O ritual termina com os dançarinos reunidos em círculo e a união das taquaras, cruzadas, sobre as quais é colocado e suspenso um guerreiro, que é então saudado e ovacionado, simbolizando a união que leva o grupo à vitória.

As etnias ainda oficialmente existentes no Mato Grosso, além dos Kinikinawa e Kadiwéu, são: Atikum, Kaiowa, Guató, Guarani-Ñandeva, Ofaié-Xavante e Terena. Não oficializados, há os Camba e Xamacoco. (Aguilera Urquiza, 2013).

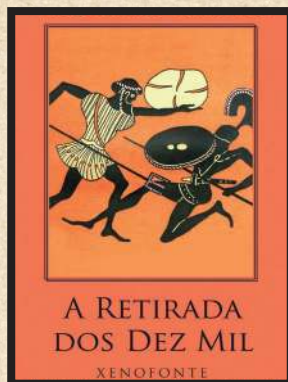
Retirada da Laguna X Retirada dos Dez Mil

A Retirada da Laguna e a Retirada dos Dez Mil foram episódios que aconteceram em diferentes momentos da história militar e impressionaram a todos devido ao elevado número de baixas que ocorreram nas tropas retirantes e às condições adversas que tiveram de enfrentar.

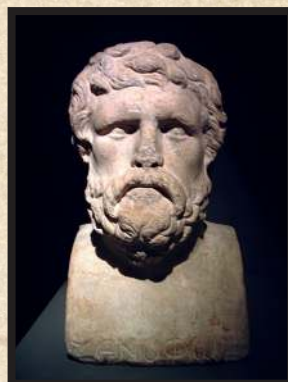
Coronel Reformado Nylson Reis Boiteux



Capa do livro A Retirada da Laguna, de Taunay



Capa do livro A Retirada dos Dez Mil, de Xenofonte



Busto de Xenofonte localizado em Alexandria



Detalhe da tumba de Artaxerxes II no Irã

A Retirada da Laguna

A Retirada da Laguna, ocorrida entre 8 de maio e 11 de junho de 1867, durante a Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870), desenvolveu-se na região compreendida pelos atuais municípios de Bela Vista, Antônio João, Guia Lopes e Nioaque, todos situados no atual Estado de Mato Grosso do Sul.

Em abril de 1865, com a Campanha da Tríplice Aliança cada vez mais acirrada, o Exército Brasileiro enviou um contingente militar terrestre, totalizando uma força de 3000 homens, para combater os invasores em Mato Grosso.

Em janeiro de 1866, o Coronel **Carlos de Moraes Camisã**, comandante da tropa brasileira, então reduzida a 1.680 homens, decidiu invadir o território paraguaio até Laguna. Mas, sem meios de transporte, foi-lhe muito difícil ultrapassar os rios e pântanos com os trens de combate e as peças de Artilharia. As forças adversárias, obrigadas a recuar, destruíram tudo o que pudesse servir aos soldados brasileiros, que ficaram sem comida, sem água e sem pousada.

Devido à perseguição furiosa do adversário, foi ordenada a retirada dos brasileiros, sob as agruras da fome, da sede, da terra calcinada pelo fogo que era ateadado aos campos, da fumaça que causava profundas irritações pulmonares e das tormentas que tornavam impossível a locomoção no território pantanoso. Não havia munição nem alimentos, e a coluna prosseguia com o cólera e com outras enfermidades, ceifando inúmeras vidas.

Sem meios para cuidar dos doentes e feridos, estes foram deixados no campo. Os sobreviventes, cerca de 700 homens alquebrados pela doença e pela fome, marcharam, com dificuldade, retornando às linhas brasileiras, em Coxim.



A Retirada dos Dez Mil (Anábasis)

Foi uma das maiores epopeias do mundo antigo. A finalidade da expedição de 10.000 guerreiros gregos que foram à Pérsia era de combater, ao lado de **Ciro**, o jovem, o seu irmão **Artaxerxes II**. Os gregos venceram, mas **Ciro** foi morto depois da Batalha de Cunaxa e o exército expedicionário grego foi traído pelos persas, que simularam um acordo de paz. Com esse propósito, convidaram todos os comandantes gregos para um banquete, durante o qual foram barbaramente trucidados.

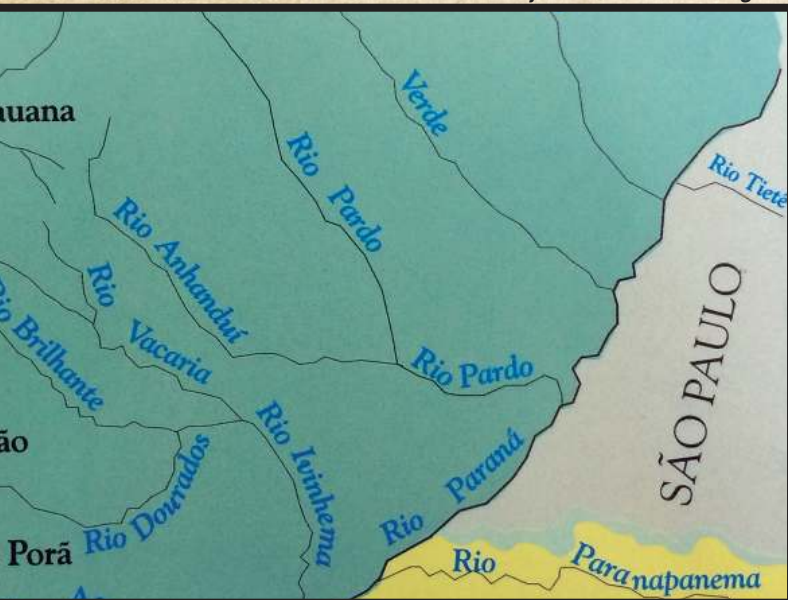
Desorientados, sem lideranças, distantes mais de 2.400 km da Grécia, os 10.000 guerreiros gregos tiveram que se retirar através de um território hostil, rodeado de nações bárbaras que os perseguiram e os exterminavam. A situação era terrível. Mas **Xenofonte** não se deixa amedrontar e, com a sua

oratória eloquente, consegue passar esperança para os oficiais e combatentes, a fim de vencerem aquela situação desesperadora.

Com a sua presença e a sua liderança, assume o comando da tropa. **Xenofonte**, enfrentando todos os tipos de perigos e vicissitudes, consegue levar os gregos até ao Mar Negro, após seis meses de penúrias e de sofrimentos, comandando homens desnudos e desfigurados. Um grito tremendo escapa dos peitos arfantes desses retirantes, ao divisarem o mar e o saudarem: *thálatta, thálatta* (o mar! o mar!).

Cumpriu-se assim, com êxito, a primeira retirada militar que a história conserva documentada, graças a **Xenofonte** (354-428 a.C.), escritor grego que participou e descreveu todo esse heroico feito no livro “Anábasis”.

Trajeto da Retirada da Laguna



O Império Persa e a Retirada dos Dez Mil



Uma comparação sintética

A propósito dessa extraordinária odisseia que a nossa tropa retirante enfrentou, vale aqui registrar o seguinte: guardadas as proporções de efetivos humanos, tempo e lugar, estudiosos da história bélica, notadamente autores franceses, vêm relacionando a “Retirada da Laguna”, do Visconde de **Taunay** (1843-1899) – a primeira edição foi escrita por ele em francês, e algumas subsequentes também foram editadas nessa língua –, com a saga clássica da “Retirada dos Dez Mil”, de **Xenofonte**. O Visconde de **Taunay** lutou na Guerra da Tríplice Aliança como engenheiro militar.

A maioria dos estudiosos dessas duas memoráveis manobras épico-militares considera a “Retirada da Laguna” superior à “Anábasis”, como obra literária, máxime pela soma de problemas que a nossa “Retirada” enfrentou, bem superior à de **Xenofonte**.

As principais razões apontadas pelos estudiosos, a favor do Visconde de **Taunay**, são: o interesse da narrativa e o heroísmo das nossas tropas; a descrição da natureza, com escopo na paisagem humana, social e ambiental, particularmente entre o rio Apa e o Aquidauana; o rigor geográfico e o ecológico obsessivos nas descrições; a emotividade cativante; a narração, com bem mais sentimento, das agruras, dos sofrimentos e dos sacrifícios da nossa tropa, se comparada com a narração das dificuldades vividas na “Retirada dos Dez Mil”.

Finalmente, restaria dizer que a presente apreciação é uma singela, mas fervorosa e comovente homenagem aos militares brasileiros, que imolaram suas vidas em defesa da Pátria e da Bandeira, nas longínquas plagas do Paraguai, 150 anos atrás.



Nossas OM: 17º Batalhão de Fronteira

O 17º Batalhão de Fronteira (17º B Fron) tem por missão dar resposta imediata, mantendo a prontidão permanente, para atuar com as características exigidas na vigilância da faixa de fronteira, de acordo com a concepção estratégica de emprego do Exército Brasileiro (EB), além de:

- assessorar outras Forças e meios, quanto ao emprego na área de responsabilidade do Batalhão;
- ser empregado na área de fronteira, dentro da respectiva área de responsabilidade, desde o tempo de paz; e
- integrar o sistema de monitoramento e vigilância da fronteira, realizando as ações de segurança na respectiva área de responsabilidade.



Resumo Histórico e Estrutura Atual

As origens do atual 17º B Fron remontam a 14 de maio de 1842, data da criação do Corpo Provisório de Caçadores de Minas Gerais, na cidade de Ouro Preto.

Iniciada a Guerra da Tríplice Aliança, houve a fusão do Corpo Provisório de Minas Gerais com o de São Paulo, em 28 de julho de 1865, sendo ativado o 21º Batalhão de Caçadores (21º BC). Essa organização militar teve destacada atuação como integrante da Coluna Expedicionária de Mato Grosso, sob o comando do Coronel **Camisão**, dentro do contexto histórico da Retirada da Laguna.

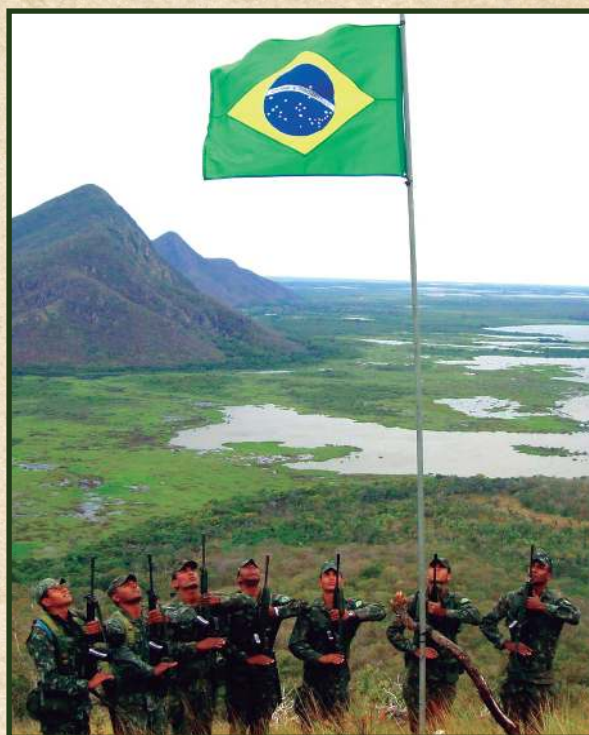
Nesse episódio histórico, no dia 21 de abril de 1867, o 21º BC transpõe o rio Apa, penetrando em território paraguaio como batalhão vanguarda da marcha para o combate, destacando-se por seus feitos frente ao inimigo, até a tomada do acampamento paraguaio da Laguna.

Durante o retrainento, foi marcante o desempenho do 21º BC nos combates de Laguna, Bela Vista e Machorra, ressaltados nos relatórios de Visconde de **Taunay**.

Após a retirada da tropa brasileira de Laguna, em maio de 1867, também os paraguaios retiraram-se do território ocupado, deslocando-se para San Fernando, uma vez que a Fortaleza de Humaitá havia sido tomada pelos aliados.

Ainda no decurso da guerra, a 22 de fevereiro de 1870, o 21º BC, sob o comando do Coronel **Hermes da Fonseca**, aporta em Corumbá para vigiar a calha do rio Paraguai até o Forte de Coimbra, onde permanece aquartelado, desde então, na capital do pantanal.

De 1908 a 1914, construiu-se o atual quartel, com parte do material oriundo da Europa, particularmente as telhas. A partir de 1920, passa a denominar-



se 17º Batalhão de Caçadores (17º BC), mantendo a tradição do Corpo de Caçadores e do lendário 21º BC.

Em 1987, recebeu a denominação histórica de “Batalhão **Antônio Maria Coelho**”, em homenagem ao herói da Retomada de Corumbá, um dos mais empolgantes feitos de armas de que pode orgulhar-se o EB.

Naquela ocasião, o Tenente-Coronel **Antônio Maria Coelho** partiu de Cuiabá por via fluvial, com a tropa embarcada em canoas, e acampou no porto de Dourados, na Serra do Amolar, com 400 homens divididos em cinco companhias. Sendo um profundo conhecedor da área, **Antônio Maria** buscou desbordar a vigilância paraguaia, realizando sua rota pelo rio Paraguai-Mirim e desembarcando à retaguarda da tropa invasora, protegido pela escuridão da noite. Seguiu marcha rumo a Corumbá, realizando um movimento tático desbordante, surpreendendo as tropas paraguaias que totalizavam, aproximadamente, 200 homens. Obtendo sucesso em seu avanço, as tropas retomaram a cidade de Corumbá, em 13 de junho de 1867,



Centro de Instrução de Operações no Pantanal

iniciando um período de desenvolvimento e progresso, impulsionado pelo renascimento da área reconquistada.

Em 1994, a OM recebeu a atual denominação de 17º B Fron. Isso explica por que muitas pessoas da comunidade ainda a chamam, carinhosamente, “17 BC”. Posteriormente, foi designada como Unidade de Emprego Peculiar (UEP), pela Portaria Ministerial nº 423, de 16 de junho de 1997, especialmente por ser apta a atuar no ambiente do pantanal.

Em 1998, foi criado o Centro de Instrução de Operações no Pantanal (CLOPPan), subordinado ao 17º B Fron, com a missão de conduzir os Estágios de Operações no Pantanal (EOPan), destinados a oficiais e sargentos da área

do Comando Militar do Oeste, bem como realizar estágios para os alunos da Escola de Sargentos das Armas, os cadetes da Academia Militar das Agulhas Negras, além das Forças Auxiliares e de militares de Nações Amigas.

Cabe, também, ao CLOPPan a incumbência de ministrar o Estágio de Adaptação ao Pantanal (EAPan) para militares que são transferidos para a guarnição de Corumbá, bem como o EOPan para oficiais e sargentos do CMO. Além disso, é responsável pelos Estágios Técnico e Tático da embarcação *Guardian* 25, assim como pela multiplicação de técnicas de operações no pantanal às Unidades integrantes da Força de Ação Estratégica (FAE) do EB.





Desde a sua criação, o CIOPan já formou 1.159 Guerreiros do Pantanal, entre eles cadetes da AMAN, alunos da EsSA e oficiais e sargentos do Exército, da Marinha, da Aeronáutica, das Nações Amigas e das Forças Auxiliares.

Dentro do escopo de sua missão, o 17º B Fron tem como responsabilidade a vigilância de aproximadamente 560 km de fronteira, tendo como constituição uma Organização Militar Tipo III. Possui, também, dois Pelotões Especiais de Fronteira (PEF): o de Porto Índio e, a partir deste ano, o de Forte de Coimbra, em decorrência da desativação da 3ª Companhia de Fronteira. Dessa forma, o Batalhão já está desdobrado desde o tempo de paz, realizando sua missão de vigilância da faixa fronteiriça, na porção oeste do País.

Atualmente, com o advento tecnológico aplicado ao campo de batalha, surge a necessidade de maior mobilidade das forças e de rapidez e fluidez das ações, principalmente em frentes não lineares.

Associado a isso, tornam-se fundamentais as ações dentro de um ambiente interações, em que a modelagem do conflito é crucial para a sinergia de esforços, facilitando, sobremaneira, o planejamento e as medidas de coordenação, cooperação e integração.

Nesse ambiente, crescem de importância as ações voltadas para a preservação do ambiente, cujo equilíbrio dos ecossistemas e manutenção da fauna e da flora podem trazer avanços à humanidade nas mais diversas áreas.

Nos dias atuais, o 17º B Fron mantém as mesmas tradições de seus antepassados, que derramaram seu sangue sobre o solo sagrado dessa parte do País, em defesa da manutenção da fronteira oeste do Brasil. Fomos e continuaremos sendo a primeira linha de defesa nesse rincão. Quer no passado ou no futuro, nossos ideais serão os mesmos, ou seja, manter a integridade da fronteira, a proteção e a preservação do Complexo do Pantanal.

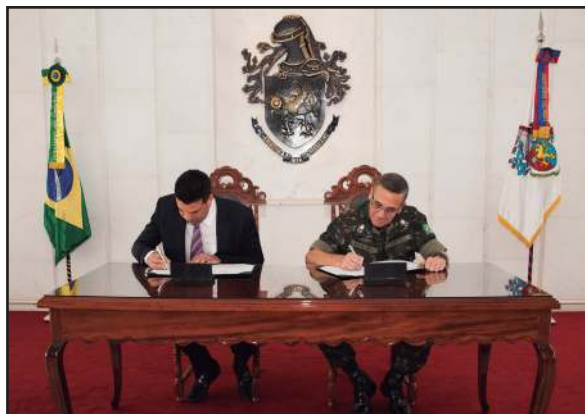


DESTAQUES *do trimestre*

Porto Príncipe (Haiti) – No dia 16 de janeiro, o Batalhão Brasileiro de Infantaria de Força de Paz (BRABAT) recebeu a visita de 20 mestrandos da Escola *Elliott* de Assuntos Internacionais e da Escola de Relações Exteriores de *Georgetown* (EUA). Acompanhados de dois professores, os alunos viajaram ao Haiti para uma visita de campo sobre questões de política relacionadas com Operações de Paz, Desenvolvimento e Ação Humanitária.



Curitiba (PR) – Nos dias 19 e 23 de janeiro, a 5ª Região Militar recepcionou os médicos voluntários destinados à 12ª Região Militar. Os profissionais de saúde prestarão serviços, em regime de dedicação exclusiva, nas cidades de São Gabriel da Cachoeira, Tefé e Tabatinga; todas localizadas no Estado do Amazonas.



Brasília (DF) – No dia 8 de fevereiro, o Exército Brasileiro e o Ministério do Esporte assinaram um Acordo de Cooperação, que possibilitará a coordenação das atividades do Complexo Esportivo de Deodoro, na Vila Militar do Rio de Janeiro (RJ), legado dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016.

Brasília (DF) – Em 9 de fevereiro, o Centro de Comunicação Social do Exército e o Centro de Ensino Unificado de Brasília (UNICEUB) celebraram um convênio para a produção de campanhas institucionais. Como resultado desse acordo, os estudantes de Publicidade e Propaganda vão criar produtos de divulgação do Exército com o tema do Dia do Soldado, comemorado em 25 de agosto.



Manaus (AM) – No dia 6 de março, o Comando Militar da Amazônia (CMA) desencadeou a Operação **Chaw Pãn**, com o objetivo de atuar na vistoria das instalações do Complexo Penitenciário **Anísio Jobim** (Compaj). Por meio de inspeção nas instalações carcerárias, sem contato com nenhum dos 1647 presos do regime semiaberto e fechado, os militares usaram um detector de minas e metais.



Santarém (PA) – No dia 7 de março, o 8º Batalhão de Engenharia de Construção enviou o Destacamento Precursor “Oia-poque” com o objetivo de realizar os trabalhos iniciais para a execução das obras de infraestrutura para a implantação da Brigada de Foz do Amazonas, projeto de grande importância estratégica para o Exército Brasileiro. Essa Grande Unidade vai proporcionar um trabalho mais efetivo e intensificado na faixa de fronteira, sendo construída dentro da área do aquartelamento do 34º Batalhão de Infantaria de Selva.

Goiânia (GO) – Em 8 de março, no 1º Batalhão de Defesa Química, Biológica, Radiológica e Nuclear, o Dr **Nelson Valverde**, referência nacional e internacional em Radiopatologia, colaborador da Agência Internacional de Energia Atômica e da Comissão Nacional de Energia Nuclear (CNEN), ministrou uma palestra abordando o tema “Emergências Radiológicas sob a Perspectiva da Saúde”. Na ocasião, o palestrante apresentou um breve relato sobre o acidente com o Césio-137 na cidade de Goiânia (GO).



Brasília (DF) – No dia 13 de março, teve início a Reunião de Grandes Comandos Administrativos (RGCA). A cerimônia de abertura, presidida pelo Chefe do Departamento de Engenharia e Construção, General de Exército **Oswaldo de Jesus Ferreira**, e proferida pelo Chefe do Estado-Maior do Exército, General de Exército **Fernando Azevedo e Silva**, foi realizada no Auditório General **Marcello Rufino**, no Forte Duque de Caxias.



VERDE-OLIVA ENTREVISTA:

Doutor Fábio Zambitte

Professor de Direito da Universidade Estadual do Rio de Janeiro



O entrevistado é Doutor em Direito Público pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2011), Mestre em Direito pela Pontifícia Universidade Católica (SP – 2007). Advogado, Professor Adjunto de Direito Financeiro da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Professor do Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais (IBMEC), Professor e Coordenador de Direito Previdenciário da Escola de Magistratura do Estado do Rio de Janeiro (EMERJ). Foi auditor fiscal da Secretaria de Receita Federal do Brasil e presidente da 10ª Junta de Recursos do Ministério da Previdência Social.

Verde-Oliva – Professor **Zambitte**, com o envio ao Congresso da proposta de emenda constitucional (PEC) sobre a reforma da previdência, a seguinte pergunta tem sido bastante veiculada: por que os militares não foram incluídos na referida proposta? Afinal, os militares possuem um regime previdenciário?

Professor Zambitte – Inicialmente, gostaria de agradecer a oportunidade de poder tratar do tema previdenciário, que hoje está na ordem do dia em razão da proposta de emenda constitucional apresentada ao Congresso. Nessa discussão, o tema relativo aos militares, no meu ponto de vista, tem sido um pouco mal conduzido. Quando falamos de militares, o senso comum costuma ir ao seguinte sentido: “acho que todo brasileiro tem que ser tratado de forma igual”. Dessa maneira, não faria sentido o militar ter um regime apartado do trabalhador privado ou do trabalhador público. É o que se vê, com mais frequência, na mídia e nas discussões em torno do tema “previdência”. Com relação a essa discussão, eu acho que partimos de uma premissa errada, que é a seguinte: militar tem previdência. No meu ponto de vista: não!

Verde-Oliva – No intuito de prestar mais esclarecimentos aos nossos leitores, o professor poderia definir o conceito de previdência?

Professor Zambitte – Eu entendo a previdência social como uma rede protetiva, custeada por participantes empregados e trabalhadores. Inviável do ponto de vista atuarial, ela não existe para as Forças Armadas, por um motivo muito simples: em qualquer lugar do mundo, o militar tem requisitos muito rigorosos de higidez física e mental frente a trabalhadores privados. A ideia é que um militar tem de estar pronto para ir à guerra o tempo todo. Dessa forma, não tem como se aposentar com uma idade avançada porque, efetivamente, não apresentará os requisitos mínimos para o desempenho de sua função. Há muitos anos, eu costumo dizer que não é viável criar um modelo previdenciário atuarialmente adequado para a carreira militar, porque, como o indivíduo deve se aposentar mais cedo, não vai ter o tempo necessário de contribuição para assegurar um benefício. É por isso que, no meu ponto de vista, o militar tem um sistema de proteção social, evidentemente, mas que não é previdenciário. Nesse caso particular, acontece

que ele simplesmente segue para a inatividade remunerada, ainda na condição de militar, custeada pelo Estado brasileiro.

Verde-Olive – Ao ser anunciado que os militares seriam analisados posteriormente, a mídia tenta passar para sociedade que as Forças Armadas são uma categoria privilegiada. Qual a sua percepção em relação a esta questão?

Professor Zambitte – Com relação a privilégios do militar frente ao trabalhador privado e ao trabalhador público, também acho que, além de incorreto, é injusto. Já vimos que, do ponto de vista previdenciário, o militar tem o tratamento apartado, porque isso é um requisito inerente à carreira. O indivíduo tem de se manter em plena capacidade física e mental. Agora, lembro que o militar, ao longo da vida, não recebe nenhum tipo de benefício que normalmente é estendido aos trabalhadores públicos e privados, como duração máxima de jornada, remuneração variável de acordo com a extensão do trabalho, adicionais de insalubridade, periculosidade, hora extra, adicional noturno, e por aí vai. Simplesmente, o militar aceita isso porque optou por uma carreira em que, em razão da sua atividade, não faz sentido ter esse tipo de salvaguarda legal, devendo estar apto e pronto para desempenhar suas funções quando chamado. É um indivíduo que, basicamente, jurou dar a sua vida em defesa da Pátria, do Território Nacional e de seu Povo, e isso ainda feito de forma paulatina, dia após dia. Em regra, como sabemos, o militar não escolhe o lugar onde mora. Realmente, ele tem de ir para onde mandam e, enfim, é como funciona e é como deve ser. De fato, parece que há certa vantagem, que é a questão do retiro precoce. Digo que parece porque, se somarmos a carga horária de trabalho dos militares, acaba totalizando até mais que um trabalhador privado. Mas, enfim, ainda que venhamos a admitir certa vantagem ao se aposentar mais cedo, o militar não tem nenhum outro tipo de benefício que o trabalhador privado tem e, quando surge algo que possa ser vantajoso, ele simplesmente recebe um rótulo de “privilegiado”. Isso é completamente equivocado. Basta observarmos o padrão remuneratório do poder executivo federal como um todo e o das Forças Armadas. Vamos notar que há uma defasagem salarial gritante. Isso

é um tema que, também, me preocupa, porque não damos o tratamento remuneratório adequado às nossas Forças Armadas e, agora, tentamos também rotular os militares como privilegiados na questão previdenciária. Isso me parece, como já disse, errado e injusto.

Verde-Olive – Diante da situação que o senhor nos apresentou, como a sociedade deve enxergar as Forças Armadas nessa discussão previdenciária?

Professor Zambitte – O que temos de ter em mente quando discutimos a questão do gasto militar, na forma que hoje é apresentada, é a seguinte indagação: o Brasil quer ter Forças Armadas em condições de operar e, efetivamente, proteger o território nacional e a sua população? Se a resposta é afirmativa, isso tem um preço. E o preço não se restringe ao aparato militar relativo a aviões, navios, blindados, mas, em especial, à mão de obra capaz de desempenhar as suas funções. Para isso, a tropa deverá possuir condições de se deslocar para uma área de conflito ou uma área potencialmente conflituosa e exercer as suas funções, sob condições adversas, pelo tempo necessário e, com isso, garantir a integridade do território brasileiro. Seria até risível achar que o militar pode, por exemplo, se aposentar com 65 anos e possuir plenas condições de trabalho até lá. Isso não existe. Na verdade, a história humana contemporânea mostra que esse tipo de

descuido com as Forças Armadas não costuma trazer bons resultados. Então, nós temos de, efetivamente, assumir o preço. Se a ideia é ter Forças Armadas, temos de pagar.

Verde-Olive – Diante da situação que o senhor nos apresentou, como a sociedade deve enxergar as Forças Armadas nessa discussão previdenciária?

Professor Zambitte – Agradeço pela entrevista e por poder debater algumas ideias sobre a PEC da previdência, no que concerne aos militares das Forças Armadas. Vamos torcer para que a sociedade perceba essa particularidade da proteção social dos militares e reconheça que a integridade do nosso território depende da manutenção de Forças Armadas em condição de ação, e isso demanda um retiro precoce, como normalmente ocorre ao redor do mundo.

Muito obrigado. 



O Centro de Psicologia Aplicada do Exército e a Avaliação Psicológica

Com a missão de ampliar a aplicação da psicologia organizacional na Instituição, o Centro de Psicologia Aplicada do Exército desenvolve inúmeras atividades em proveito da operacionalidade da Força Terrestre, trazendo reflexos positivos na seleção para cursos, no apoio às missões de paz e nos projetos de concursos de admissão, dentre outros.



Resultados Obtidos

A implantação do Centro de Psicologia Aplicada do Exército (CPAEx), alinhada ao Plano Estratégico do Exército – 2016/2019 –, às diretrizes do Departamento de Educação e Cultura do Exército e da Diretoria de Educação Técnica Militar, busca a consecução do Objetivo Estratégico do Exército (OEE 12), que trata da educação do militar profissional na Era do Conhecimento.

O CPAEx, localizado na extremidade da praia do Leme, no complexo histórico-militar datado de 1776 – conhecido como Forte do Leme –, é a organização militar (OM) responsável pela implantação da avaliação psicológica nos concursos para os Cursos de Formação de Oficiais e de Sargentos de Carreira do Exército.

Essa OM foi criada em 24 de setembro de 2015 e ampliou a gama de atribuições da antiga Divisão de Psicologia Organizacional (DPO) do Centro de Estudos de Pessoal e Forte Duque de Caxias (CEP/FDC), até então responsável pela avaliação psicológica de militares para missões de paz e cursos de especialização, e pela produção de conhecimento na área de Psicologia.

A diretriz para a implantação do CPAEx prevê os seguintes objetivos: a ampliação da efetividade dos integrantes do Exército Brasileiro (EB) no cumprimento de suas missões; o aperfeiçoamento de eficazes instrumentos para o recrutamento e a seleção de pessoal para ingresso na Força, para a realização de cursos e para outras atividades desenvolvidas pelo EB; a elaboração dos perfis para a ocupação de todos os cargos e funções do Exército; o acompanhamento do desenvolvimento psicossocial da família militar; e o estabelecimento de parâmetros comportamentais para o acompanhamento do pessoal militar nas diversas fases de sua carreira.

Na sua consecução, o projeto contempla o aprimoramento do Sistema de Gestão de Pessoal; a sinergia e a racionalização dos estudos, pesquisas e orientação no campo da Psicologia Militar; a aplicação de testes nos

processos de avaliações psicológicas; e o desenvolvimento de instrumentos específicos para a seleção e para a avaliação de pessoal no âmbito do EB.

Na área de seleção de pessoal, o CPAEx realiza a avaliação psicológica de militares designados ou que se apresentam como voluntários para: matrícula em cursos específicos do EB; participação em forças militares de paz; cumprimento de missões de paz de caráter individual; e emprego em destacamentos de segurança de representações diplomáticas do Brasil no Exterior.

“O Exército Brasileiro deposita no CPAEx a confiança de que seus integrantes cumpram a missão de promover o desenvolvimento da Psicologia em proveito da operacionalidade da Força Terrestre”, ressalta o Coronel **Paolo Rosi d’Ávila**, primeiro comandante da OM.

“A criação do CPAEx abre novo horizonte de pesquisa, a Psicologia Militar.”

Seleção para Cursos

Quais são as características necessárias para um especialista em Forças Especiais? Quais são os atributos necessários a um piloto de aeronaves? Essas e outras indagações, por exemplo, o CPAEx procura responder com base em pesquisa científica.

Para isso, a Seção de Cursos atualiza, constantemente, o perfil psicológico dos militares a serem selecionados para os cursos de elevada especialização do Exército, tais como o de precursor paraquedista; o de dobragem, manutenção de paraquedas e suprimento pelo ar; e o de inteligência, dentre outros.

Uma entrevista inicial e a aplicação de testes psicológicos específicos fazem parte do processo a que os candidatos são submetidos. *“Entrevistas de acompanhamento com os instrutores e com os próprios alunos, bem como a observação do desempenho dos candidatos, auxiliam na validação e na consolidação do perfil profissiográfico aplicado como tipo ideal na seleção”,* explica a Tenente **Taíssa Agrícola dos Santos de Andrade**, psicóloga do CPAEx.



Apoio às Missões de Paz

As missões de paz aumentam a projeção internacional da Força Terrestre, além de trazerem prestígio à política externa brasileira. A Seção de Força Militar de Paz realiza a seleção, o preparo, o acompanhamento e a desmobilização psicológica da tropa. A seleção verifica se os resultados obtidos pelo candidato são compatíveis com os requisitos necessários ao perfil da atividade que irá desempenhar. No preparo, são abordados os diversos aspectos psicológicos que podem interferir no desempenho do militar, sendo distribuída uma cartilha que visa orientar sobre situações que ele poderá enfrentar durante a missão. No decorrer do cumprimento da missão, é realizado o acompanhamento psicológico, a fim de apoiar psicologicamente os militares empregados e subsidiar o Comando de Operações Terrestres com informações que possam aperfeiçoar o preparo e o emprego da tropa. Ao seu término, a tropa é desmobilizada e os militares que regressam são acolhidos pelo CPAEx, facilitando a sua reinserção nos ambientes profissional, familiar e social.

Projeto avaliação psicológica

Os concursos para a Academia Militar das Agulhas Negras, a Escola de Saúde do Exército (EsSEx), a Escola de Formação Complementar de Oficiais do Exército, o Instituto Militar de Engenharia, a Escola de Sargentos das Armas, a Escola de Sargentos de Logística, portas de entrada à carreira militar, devem adotar a avaliação psicológica necessária para aferir a compatibilidade das características psicológicas do candidato com a carreira militar. O CPAEx tem cumprido o cronograma, visando à implantação da avaliação psicológica como última etapa dos concursos de admissão, após os exames intelectual, médico e físico. A previsão é que a EsSEx seja a primeira Escola a implementar a avaliação psicológica em 2018.

“A criação do CPAEx permite vislumbrar o surgimento do Sistema de Psicologia do Exército, que congregue os psicólogos militares espalhados pelo País, para a aplicação das avaliações nos concursos públicos”, afirma o Coronel R1 Sitamar Alexandre Machado da Silva, que trabalha há 16 anos com a psicologia organizacional em proveito da Instituição.

Pesquisa – história e atualidade

O Projeto Atributos da Área Afetiva pautou a avaliação e a formação de oficiais e praças do Exército, entre 1998 e 2014. O Projeto Esperança, direcionado para a prevenção do uso de drogas, foi implementado na década de 1990. Os dois Projetos foram desenvolvidos pela DPO do CEP/FDC. Hoje, o campo de estudos da Psicologia Organizacional, voltado para a atividade militar, é o objeto da Divisão de Pesquisa do CPAEx. A Psicologia Aplicada do Exército visualiza, também, a abertura de um novo horizonte de investigação, denominado Psicologia Militar. *“Nos Estados Unidos, após a Primeira Guerra Mundial, os psicólogos se reuniram em Harvard para discutir como a Psicologia poderia contribuir para os esforços de guerra. A inserção do assunto pode unir a academia e as Forças Armadas, pelos propósitos do país”, explica o Coronel Sitamar.*

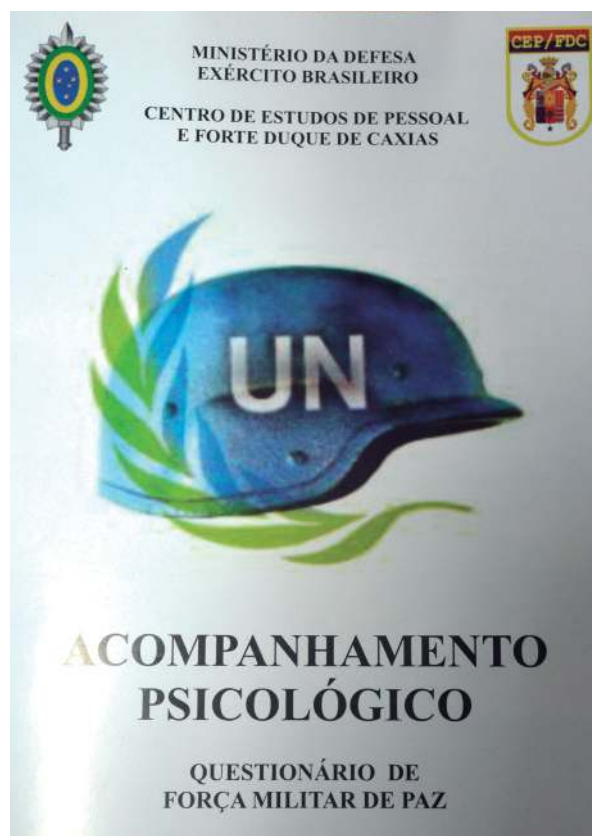


Acolher é foco para selecionar

Sala estreita, uma cadeira vazia, uma mesa e um quadro ao fundo. Em frente ao quadro, a cadeira ocupada por um dos psicólogos do CPAEx. Esse é o primeiro contato do candidato a cursos ou às missões de paz com seus objetivos. *“Os locais de entrevista foram montados conforme as especificações do Conselho Federal de Psicologia e são reservados, iluminados, ventilados e isentos de ruídos e interrupções”*, relata a Major **Soraya Reis Dantas**, que participou da seleção dos contingentes de Angola (1996) e Timor Leste (2000).

A recepção dos candidatos busca reduzir a ansiedade e prepará-los para as perguntas que seguem um roteiro preestabelecido, mas flexível. *“O papel do psicólogo é o de acolhimento”*, garante a Major. *“O que se observa são aspectos motivacionais, cognitivos e características da personalidade. Precisamos saber como os candidatos reagirão à distância da família, ao confinamento e a suas relações interpessoais. O confinamento pode agravar pequenas coisas que, no quartel, não trazem problema algum.”*

Um máximo de 12 entrevistas diárias por psicólogo é o praticado pelo CPAEx, para que se mantenha a capacidade de ouvir e o bem-estar psíquico dos entrevistadores. A neutralidade e a observação da situação do ser humano por trás da farda são as prioridades que balizam as perguntas e respostas. A oficial aconselha, a quem for participar de um processo como esse, que *“seja espontâneo, verdadeiro e não tente encontrar uma fórmula para passar”*.



A visão de futuro do CPAEx

A visão de futuro do CPAEx é tornar-se, até 2025, um centro de referência em avaliação psicológica no âmbito do Ministério da Defesa. Nesse sentido, tem realizado as pesquisas necessárias ao estabelecimento de critérios científicos a serem adotados nos processos seletivos do Exército, bem como tem proposto os planejamentos que viabilizem a implantação da avaliação psicológica no Sistema de Educação e Cultura do Exército.

Nos anos de 2016 e 2017, foram estabelecidas parcerias com o Serviço de Seleção do Pessoal da Marinha e com o Instituto de Psicologia da Aeronáutica, estreitando, no campo da Psicologia, os laços entre o Exército, a Marinha do Brasil e a Força Aérea Brasileira.

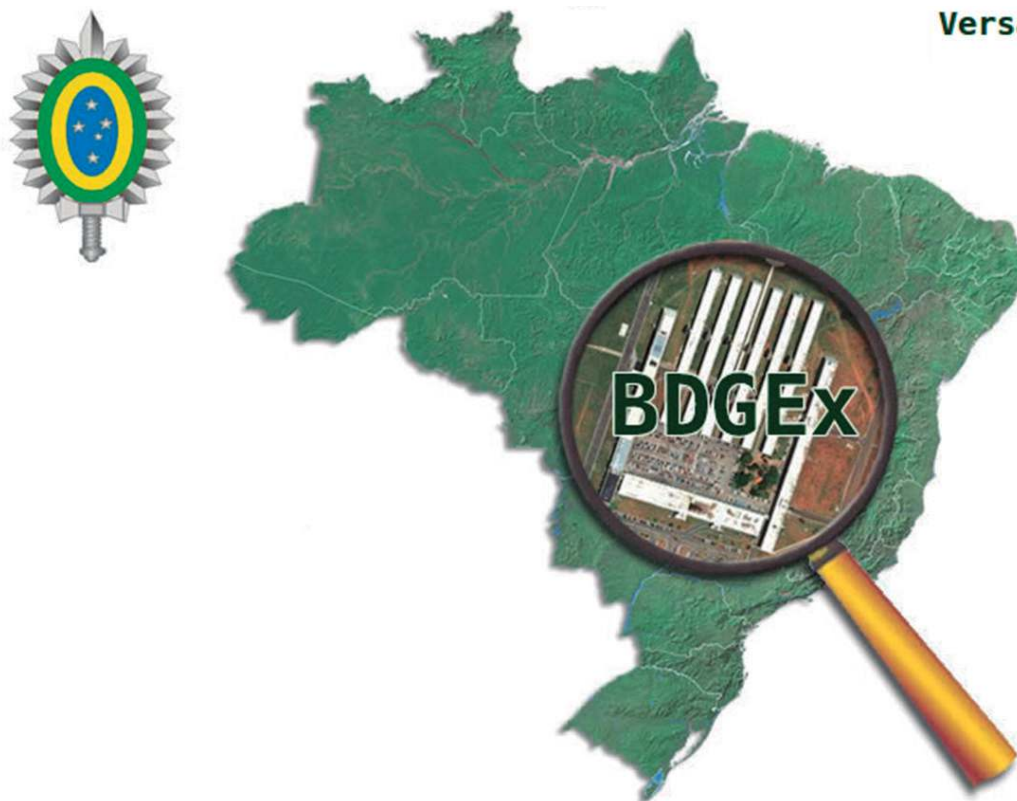
Atualmente, no nível acadêmico, o CPAEx tem envidado esforços no sentido de firmar parcerias com o Centro de Capacitação Física do Exército, com Universidades do Estado do Rio de Janeiro e com o Centro de Psicologia Aplicada do Exército Português.

O CPAEx prossegue firme rumo aos objetivos traçados, embasado nos valores do EB, dentre os quais se destacam: o conhecimento, a competência, o comprometimento e a ética profissional.



O BANCO DE DADOS GEOGRÁFICOS DO EXÉRCITO

Versão: 4.0



“Serviço Geográfico do Exército – há mais de 126 anos mapeando o Brasil para a Força Terrestre e para a sociedade brasileira!”

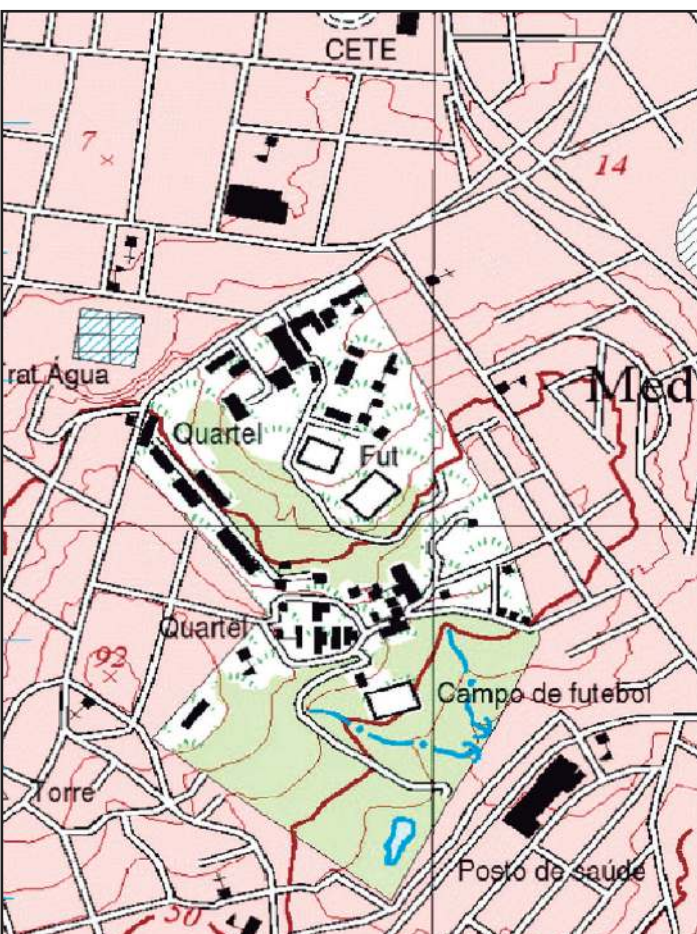
A Diretoria de Serviço Geográfico (DSG), criada em 1890, tem por principal missão produzir a Geoinformação do Território Nacional. Além de participar do processo, é incumbida, também, de normatizar a execução do mapeamento sistemático terrestre nacional, nas escalas iguais ou maiores que 1:250.000; de superintender as atividades relativas ao suprimento de imagens e informações geográficas; e de elaborar dados geoespaciais de referência de interesse do Exército Brasileiro (EB), nas suas mais diversas formas.

Acompanhando o avanço tecnológico, com foco na necessidade cada vez maior de rapidez e de acessibilidade à informação, a DSG, a partir do ano de 2003, concebeu o Banco de Dados Geográficos do Exército (BDGEx) e deu início ao seu desenvolvimento.

Em agosto de 2012, após vários testes, o BDGEx entrou em operação, passando a armazenar e disseminar todas as informações geoespaciais produzidas pelas Divisões de Levantamento, atualmente denominadas de Centros de Geoinformação (CGEO), com sedes no Rio de Janeiro, Brasília, Olinda, Manaus e Porto Alegre.

Finalidade

A principal finalidade do BDGEx é possibilitar a disseminação de dados e informações geoespaciais, produzidos e disponíveis em cada um dos Centros de Geoinformação, para o EB, para as demais Forças Armadas, para órgãos públicos e privados, e para a sociedade em geral. Difunde dados geoespaciais que seguem os padrões estabelecidos pelo Sistema Cartográfico Nacional, no qual a DSG se enquadra como órgão normativo, e está sendo preparado para disponibilizar os referidos dados dentro da Infraestrutura Nacional de Dados Espaciais do Brasil (INDE), instituída pelo Decreto Presidencial nº 6.666, de 27 de novembro de 2008.



Carta Topográfica de Porto Alegre (Imagem extraída do BDGEx)

O citado Decreto determina que todos os dados geoespaciais produzidos por órgãos do Poder Executivo Federal devem ser disseminados na Internet juntamente com seus metadados.

A INDE é o conjunto integrado de tecnologias, políticas, coordenação e padrões necessários para promover o acesso e a divulgação de dados geoespaciais produzidos por órgãos públicos do Poder Executivo

Concepção

O BDGEx é totalmente baseado em *software* livre. Utiliza o Sistema Gerenciador de Banco de Dados *PostgreSQL*, com a extensão *PostGIS*, para armazenar os dados e a biblioteca *Terralib*, desenvolvida pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) em linguagem C++, para modelar os dados no banco e fornecer serviços *web* geoespaciais.

O Portal de Acesso foi desenvolvido com a linguagem *PHP* e as bibliotecas em *Javascript jQuery* e *Openlayers*.

Produtos Disponíveis

Atualmente, encontram-se no acervo do BDGEx mais de 19.000 produtos carregados, disponíveis para visualização, análise e *download*, o que pode ser feito por acesso aos metadados ou por navegação visual.

Entre o material disponível estão as Cartas Topográficas, em formatos matriciais e vetoriais, e as Ortoimagens. Esses produtos são relativos às escalas 1:250.000, 1:100.000, 1:50.000 e 1:25.000.

Também são disponibilizadas informações do tipo Modelos Digitais do Terreno (MDT), Modelos Digitais de Elevação (MDE), Cartas Ortoimagens e

Cartas para as escalas cadastrais, todas armazenadas no BDGEx.

As regras que regem a disseminação dos produtos do BDGEx são feitas de acordo com a sua Política de Acesso, estruturada por meio de níveis de acesso e descrita no próprio Geoportal do Exército.



Modelo Digital do Terreno (MDT) de área situada na Região Amazônica (Imagem extraída do BDGEx)

Outros exemplos são os projetos de mapeamento, nas escalas de 1:25.000 e 1:50.000, do Estado da Bahia; na escala de 1:25.000 das cidades-sede da Copa do Mundo de 2014 e dos Jogos Olímpicos de 2016; além do convênio em execução de mapeamento do Estado do Amapá, nas escalas de 1:25.000 e 1:50.000.



Ortoimagem de radar colorida da região de Barcelos-AM (Imagem extraída do BDGEx)

Situação Atual

A carga de dados no BDGEx é um processo contínuo. À medida que novos produtos são elaborados nos projetos em andamento, logo são incorporados ao BDGEx. Como exemplo, é possível citar os produtos gerados no Projeto Radiografia da Amazônia, a partir de dados providos de radar, da área classificada como “vazio cartográfico da Amazônia Legal”. O Projeto visa gerar dados geoespaciais para uma área de aproximadamente 1,8 milhões de km², sobre a qual, até pouco tempo atrás, não existiam informações cartográficas terrestres para escalas maiores que 1:250.000.

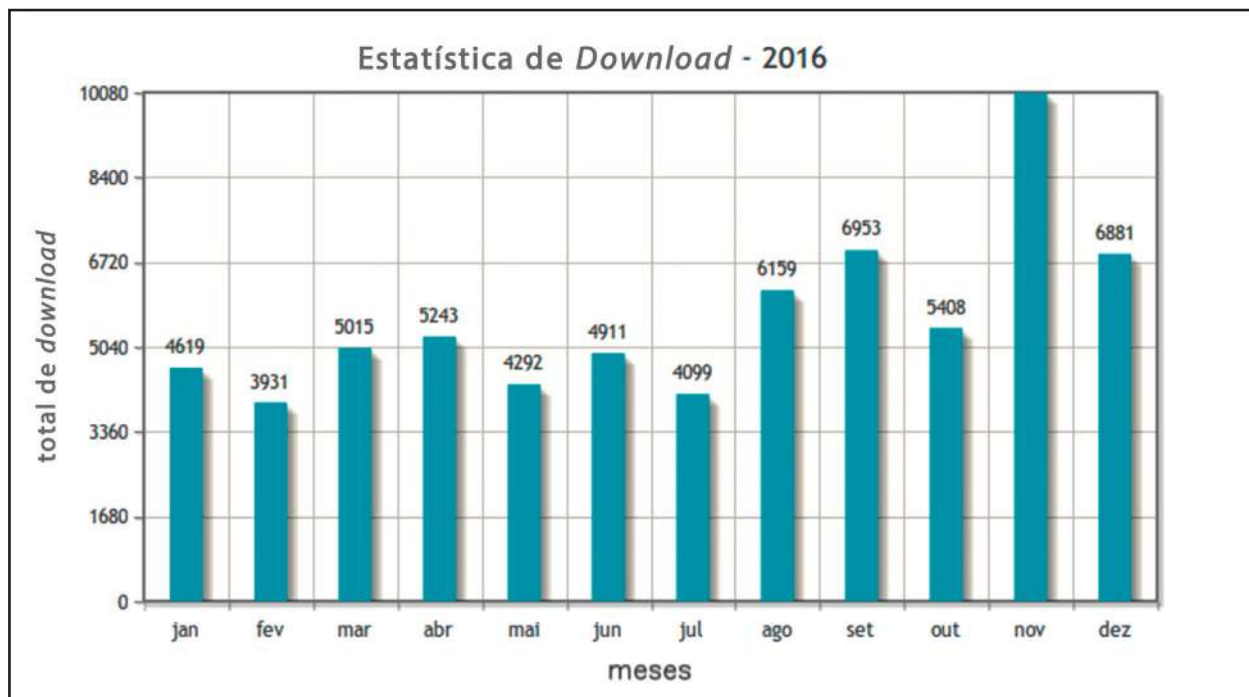
Atualmente, já estão carregadas no BDGEx cerca de 4800 produtos desse Projeto na escala 1:50.000, entre Ortoimagens Coloridas, Ortoimagens Radar, MDT e MDE.

Desde o início de sua operação, o número de acessos ao BDGEx tem sido considerável. Já são quase 18.000 usuários cadastrados, dos quais 14.000 são civis, e, aproximadamente, 213.000 *downloads* realizados.

As Cartas Topográficas, vetoriais e matriciais, detêm o maior número de produtos baixados, seguidos pelos Modelos Digitais de Terreno da Amazônia (sob pedido e com nível de acesso ao BDGEx adequado).

A Região Norte do Brasil é a que possui a maior demanda, com mais de 67.000 produtos baixados.

O número de *downloads* dos produtos geoespaciais no BDGEx, no ano de 2016, chegou a 67.591 e, no primeiro mês do corrente ano, já foram baixados 8.340 produtos, demonstrando a grande procura dos usuários pelo material cartográfico produzido e disponibilizado pela DSG.



Como acessar e baixar os dados



O acesso aos dados é feito por meio do Geoportal do EB (<http://www.geoportal.eb.mil.br/>), pela rede interna da Força Terrestre (EBNet) ou pela Internet. Faz-se necessário um cadastro prévio para a autorização de acesso ao banco de dados.

A partir do momento em que o usuário efetuar o cadastro, passará a se enquadrar em um determinado perfil que o habilitará a acessar os dados compatíveis com o nível no qual está cadastrado. Maiores detalhes sobre a Política de Acesso aos

dados e credenciamento aos respectivos níveis encontram-se disponíveis na página de *login* do próprio Geoportal.

O sistema possui duas formas de consulta aos produtos:

- baseada em pesquisa por metadados: é possível obter um ou mais produtos de acordo com parâmetros de entrada, como nome da carta, escala, data, tipo de produto e enquadramento da área de interesse. A partir dos resultados, o usuário pode acessar, baixar todo o produto, visualizar seus metadados ou mesmo exportá-los; e

- navegação visual 2D: é possível navegar pelo território nacional ativando diferentes camadas de informação. O usuário pode utilizar ferramentas básicas de navegação, realizar consultas por atributos, por apontamento e por pesquisas espaciais, medir distâncias e áreas, recortar imagens de uma região de interesse, entre outras funcionalidades. A navegação pelos produtos vetoriais segue a Estrutura de Dados Geoespaciais Vetoriais (EDGV), padrão do Sistema Cartográfico Nacional, o que facilita sua compreensão.



Ortoimagem da região oeste da Bahia (Imagem extraída do BDGEx)

Além das funcionalidades mencionadas, o usuário pode, ainda, exportar os dados para diversos formatos diferentes (*Geotiff, GML, Shapefile, KML, KMZ*), exportar metadados conforme o padrão ISO 19115 e consumir serviços do tipo *WMS, WFS e WCS*, especificados pelo *Open Geospatial Consortium* (OGC). Essa última é de grande utilidade, possibilitando aos usuários conectarem-se ao sistema usando outros Sistemas de Informações Geográficas de sua preferência.

Além do acesso aos dados geoespaciais, o Geoportal fornece informações sobre os projetos em execução na DSG, normas, padrões e especificações técnicas do Sistema Cartográfico Nacional (SCN).

Perspectivas

Atualmente, o BDGEx está migrando da versão 3.1 para a 4.0, a qual apresentará os seguintes benefícios:

- o aumento da capacidade de armazenamento de dados;
- a melhoria da velocidade de processamento; e
- a possibilidade de representação de grandes mosaicos de imagens.

Também está em fase de desenvolvimento a versão *Mobile* do BDGEx, o que tornará possível o acesso aos dados geoespaciais por meio de dispositivos móveis, tais como celulares e *tablets*.



A Presença dos Grupos Religiosos no Exército Brasileiro

Por Paula Mariane

Paula Mariane é fotógrafa e estudante de Jornalismo na PUC – Campinas (SP). É autora do Projeto Laços de Honra – O outro lado do Exército Brasileiro, reportagem que retrata o cotidiano da vida militar, registrando toda a formação do oficial combatente.



A trajetória de formação do oficial combatente do Exército Brasileiro (EB) é longa e cheia de desafios. No primeiro ano de formação, os(as) alunos(as) estudam na Escola Preparatória de Cadetes do Exército (EsPCEEx), localizada em Campinas, interior de São Paulo. Após concluírem o primeiro ano na EsPCEEx, os(as) futuros(as) oficiais deverão passar os quatro anos restantes da formação na Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), em Resende (RJ).

Diante da nova realidade, marcada por um intenso período de adaptação e, muitas vezes, pela distância dos familiares, alunos e cadetes do Exército encontram na religião uma forma de aprimorar a própria resiliência e de se fortalecerem frente às dificuldades.

Nesse contexto, os grupos evangélicos, espíritas e católicos se fazem presentes no cotidiano de diversos militares, promovendo o estudo do evangelho dentro dos quartéis brasileiros. É importante ressaltar que todas as participações nos grupos religiosos são feitas de forma voluntária, seguindo o princípio da liberdade de culto.

O sociólogo e professor da UERJ **Claudio de Carvalho Silveira** afirma:

“A religião traz certo conforto. O próprio indivíduo cria ou tem certa expectativa em relação a Deus, seja ela qual for, de ter uma paz, uma tranquilidade, um equilíbrio. Os alunos vêm de outras cidades. Às vezes vêm de outra realidade socioeconômica. A religião é um fator de manutenção da sua zona de conforto e da sua paz.”

O oficial de carreira combatente entra em contato com os grupos religiosos já na EsPCEEx, onde estão presentes a Cruzada dos Militares Espíritas (CME), a União Católica dos Militares (UCM) e o Núcleo dos Alunos Evangélicos (NAE). Segundo o Tenente-Coronel **Ubaldo Reis Junior**, colaborador do grupo espírita desde 2007, toda a organização desses grupos é feita de modo voluntário, entre os instrutores e os alunos. Para ele, o estudo do Evangelho contribui positivamente para a formação do militar:

“O estudo do Evangelho, de qualquer fonte que se ligue a Deus, é fundamental



para que a pessoa não perca o rumo. É muito fácil, dada a quantidade de atividades que se tem aqui, o sujeito acreditar que a coisa não vai andar. Então, ele deve ter fé para seguir na carreira, porque tem muitas atividades aqui que deixam o sujeito sem chão, e a fé é fundamental para que esse chão seja restabelecido rapidamente”.

Ainda de acordo com o sociólogo **Claudio de Carvalho Silveira**, a profissão militar é uma profissão que, em última instância, lida com a morte:

“No limiar desta profissão, a questão religiosa é muito importante, porque é a última possibilidade de você pensar em alguma esperança em relação à condição humana. É claro que existem militares que não têm religião. Isso também deve ser levado em consideração.”

O aprendizado adquirido nos estudos vai além dos cultos. Todo conhecimento é aproveitado nos momentos mais difíceis.

“Houve um episódio em 2015, quando eles foram para a ‘Operação Cadete’ e um deles levou o Evangelho de bolso. Eles faziam o estudo na barraca, com uma lanterna de LED, e aquilo fez toda a diferença. Isso ajuda muito na aceitação de que as provas são colocadas para serem vencidas e que elas fazem parte da aprendizagem”, recorda **Ubaldo**.

Além das atividades promovidas dentro da comunidade militar, os grupos religiosos organizam ações cívico-sociais, possibilitando que o futuro combatente conheça instituições e Organizações Não Governamentais que trabalham com questões sociais.



*“Uma das atividades que realizamos este ano, por exemplo, foi a de receber nesta Escola aproximadamente 70 crianças carentes, de até 16 anos, com seus monitores, oriundas de dois projetos sociais na cidade de Campinas. O planejamento da atividade, bem como a preocupação com a segurança e a montagem das oficinas ficou a cargo dos alunos; uma experiência que eles retrataram como abençoada e inesquecível”, afirma o Tenente **Thiago Souza Ferreira**, orientador do NAE.*

Na AMAN, também são realizados estudos do Evangelho e celebrações religiosas. O Cadete **Juan Carlo Assis Coelho**, membro da Associação dos Cadetes Evangélicos, afirma que o engajamento religioso fez com que ele valorizasse diversos aspectos inerentes à vida militar:

“As atividades fizeram com que eu valorizasse a comunhão entre amigos, tivesse responsabilidade em diversas situações simples da vida e adquirisse equilíbrio emocional, empatia e sabedoria para lidar com as situações.”

*“É possível ao aluno em adaptação enxergar na agremiação religiosa a família eclesástica que ele deixou na sua cidade”, afirma o Cadete **Lucas Henrique Feitosa de Mattos**,*

Presidente da UCM do núcleo da AMAN.

As atividades religiosas não se limitam ao escopo da formação acadêmica. No EB, os Capelães Militares encontram-se presentes em diversas organizações do País, prestando assistência espiritual, realizando celebrações, aconselhamento pastoral, entre outros serviços.

O Capelão Evangélico **Emerson Couto Profírio**, do 4º Batalhão de Infantaria de Selva, acredita que, para prestar uma boa assistência religiosa, é preciso saber trabalhar com todos os credos e respeitá-los. Ele relembra o momento mais marcante que vivenciou como Capelão do Exército:

“Quem lida com gente sempre viverá momentos marcantes. Cada nova história é única. Cada sofrimento é tratado como algo especial. Celebro cada vitória pessoal como se fosse a minha própria vitória. Por ser a primeira Organização Militar na qual sirvo, ainda muito inexperiente quanto à vida na caserna, cheguei meio sem jeito, mas o apoio do comando e de todos os militares do batalhão nos faz entender o real sentido de camaradagem. Essa acolhida certamente se tornou um padrão que levarei pelo resto da minha carreira.”





UMA ESCOLA INESQUECÍVEL

*Em atenção ao artigo publicado na Revista Verde-Oliva nº 230, de dezembro de 2015, com o título “A Mágia da Amizade”, o Coronel da Reserva **Cláudio Frederico Vogt**, ex-aluno 060 da EsPCEEx, enviou-nos o seguinte texto de sua autoria.*

Quando eu era pequeno, imaginava que seria comerciante, como o pai **Fridolino**; bispo, como o **Dom Cláudio**; ou jogador de futebol, como o **Dino** do Harmonia ou o alemão **Helton** do Inter. Essa dúvida durou até o dia em que, no Cine Guarany, assisti a um filme em que soldados faziam uma pista de obstáculos. Daquele dia em diante, decidi seguir a carreira militar.

Em dezembro de 1969, com 16 anos, sem fazer cursinho, prestei concurso para a Escola Preparatória de Cadetes do Exército (EsPCEEx). Havia 200 vagas. De cada 30, passava um. Não fui selecionado.

Em 1970, com o incentivo da Irmã **Genoveva**, do Colégio Marista Rosário, em Porto Alegre (RS), preparei-me para o segundo concurso. Fiz vários exercícios, resolvi provas de anos anteriores e li textos em voz alta. Em dezembro daquele ano, fiz a prova. Por achá-la mais difícil, no dia seguinte, comecei a estudar para o terceiro concurso.

Fui passar o Ano Novo com a família. Compareci ao baile no Clube Harmonia. O reencontro com velhos amigos me ajudou a esquecer a tristeza... Ao voltar para casa, de madrugada, após uma festa agradável,



quando entrava pela porta da sala, a Mãe **Jovilde**, ainda deitada, orgulhosa, disse-me: “**Quico**, a Escola mandou um telegrama: TU PASSASTE!”.

Logo chegou um ofício com orientação, datas e relação do material do enxoval. Um dos pedidos deixou-nos surpresos: era obrigatório levar um par de tamancos! Precisava de duas malas: uma grande e a outra também. As dificuldades não eram maiores do que o meu orgulho, pois a EsPCEx era considerada superior a todos os Colégios Militares do Brasil.

Criada em 1940, em São Paulo (SP), a construção da sede própria da EsPCEx teve início em Campinas (SP), no Bairro Chapadão, em 1944, em magnífico estilo colonial. Passou a funcionar em 2 de abril de 1959, integrando alunos dos quatro cantos da Pátria, irmanados pela nobreza dos valores morais.

Hoje, a EsPCEx é respeitada dentro e fora dos muros do Exército Brasileiro (EB) e está estruturada com o que há de mais moderno na área educacional. Engalana a elegante

Avenida Pio XII e enche de orgulho o povo de Campinas. A história do EB aproxima-se, celeremente, dos 400 anos. E, ao raiar de 2017, escreve outra página. O Comandante concede, após 77 anos de funcionamento da gloriosa EsPCEx, 40 vagas para jovens meninas que poderão seguir carreira até o último posto – General de Exército.

Voltando ao mês de fevereiro de 1971... Apresentei-me na Escola para um período de adaptação. O clima era de otimismo geral! Sob o comando do General **Médice**, o Brasil crescia a 10% ao ano! Naquela época, 16 jovens pediram desligamento, por não suportarem a dureza dos exercícios e a saudade (de casa ou da namorada). Os alunos eram discretos, idealistas e autoconfiantes. Sonhavam alto. Em 1º de março, o então Comandante, Coronel **Milton Paulo Teixeira Rosa**, proferiu, no auditório, a Aula Inaugural. Com discurso eloquente, enalteceu os valores da Escola: espírito militar, disciplina, patriotismo, fé em Deus, lealdade, sacrifício, amor ao trabalho, abnegação... Fiquei emocionado quando ele

falou sobre a amizade: “Aqui vocês farão amigos para toda a vida!” Após quase cinco décadas, vejo que o Comandante tinha razão. Naquele Castelo Rosado, nunca presenciei um ato de deslealdade. Na Turma Monte Castelo, a lealdade fez morada.

Oriundo de uma cidade pequena, fiquei surpreso com a estrutura da EsPCEX. A loja do meu pai funcionava bem com oito pessoas. Eu estava diante de um monte de gente. Cada um sabia o que fazer. Todos aqueles profissionais possuíam espírito de amor ao trabalho. Eram 36 oficiais, 36 professores, alguns servidores civis e uma Companhia de Comando e Serviço (CCS), todos com a missão de preparar 200 “Cadetes de Ouro”. O 28º Batalhão de Infantaria Blindado (28º BIB), tropa de elite da Reserva Estratégica do Exército, atendia, com prioridade, aos pedidos de cooperação da EsPCEX.

Os oficiais e professores eram compreensivos e metódicos. Alguns mestres eram donos de prestígio nacional. Ministravam aulas com clareza. O alto nível intelectual dos alunos tornava os debates interessantes. O ambiente era de estudo. Todos se preocupavam com os alunos, razão de ser da Escola. Quando o avião mais moderno do mundo pousou em Viracopos, os oficiais nos levaram lá para conhecer o “Concorde”, fabricado pela França. Não eram rigorosos com as nossas imaturidades. Eles, também, devem ter escrito os nomes das namoradas nos bicos de pato verdes-oliva. Um dos ex-alunos, o então Coronel **Apolônio**, voltou para comandar o Castelo Rosado. Tinha moral para exigir. Sabia a quem perdoar. Sabia a quem punir. Sabia compreender. Assistia aos nossos treinamentos. Não demorou muito, o Exército o promoveu a general. Merecido!

O Exército acreditou na “Escola de Cadetes”! Investiu nela! Criou condições de trabalho! Em 1971, mais de 40 instalações conduziam o aluno para ser feliz. Para aprender a aprender. Era uma pequena cidade dentro de uma grande cidade.

Algumas dependências eram marcantes na vida dos alunos: 1ª Companhia de Alunos (Águia), 2ª Companhia de Alunos (Leão), 3ª Companhia de Alunos (Tigre), refeitório

(4 refeições por dia), salas de aula, Seção de Educação Física, laboratórios, cinema, laboratório de línguas, biblioteca, Estádio Sangue e Areia, armazém reembolsável, Capela São Tomás de Aquino, que integrava a Escola e a cidade, e outras.

Nas Olimpíadas Internas, os alunos competiam em seis modalidades: atletismo, natação, futebol, basquete, judô e voleibol. Ainda podiam participar de atividades extraclasse: cinema, ginástica acrobática, karatê, capoeira e danças gaúchas. Alguns treinos eram realizados na cidade, com profissionais de prestígio. Em síntese, tudo concorria para o crescimento do aluno, como soldado e cidadão, e para o fortalecimento de sua personalidade, cultura e sociabilidade.

Uma estrutura de provocar inveja em qualquer escola do mundo! Inserida numa das cidades mais importantes do Brasil, que recebeu, com carinho maternal, brasileiros oriundos dos mais distantes rincões; que teve participação decisiva na formação dos “Cadetes”; que deu bons exemplos, promoveu festas juninas, apoiou o Baile do Bicho e do Adeus, ofereceu confortáveis cinemas, cultos, jornais e nos integrou na saudosa Praça dos Jequitibás.

A cidade nunca foi o problema. Três anos passam voando. O Aluno está de passagem... O problema é deixar um coração sangrando...

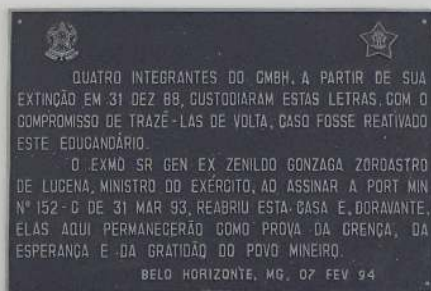
Ao final do curso, o Comandante determinou que os oficiais nos conduzissem até a Academia Militar das Agulhas Negras, em Resende (RJ). Ele estava preocupado com a nossa segurança. Quando o meu ônibus saiu pelo portão e tomou a Avenida Papa Pio XII, comecei a me lembrar de que ali quase tudo começou, que aprendi atletismo, disciplina, que vivi três anos emocionantes da minha juventude, que conheci amigos leais e que fiz a Pista de Obstáculos. A minha querida Escola foi ficando para trás... cada vez menor... E, aos poucos, o majestoso Castelo Rosado foi desaparecendo diante dos meus olhos e da minha vida. Assim, como escreveu o compositor **Paulo Emílio Vanzolini** na canção Volta Por Cima: “Ali onde eu chorei, qualquer um chorava...”



DIA INTERNACIONAL DA MULHER

Unindo-se às comemorações do dia 8 de março, como forma de pactuar com as reivindicações e conquistas das mulheres brasileiras, esta edição destaca o belo exemplo de amor ao próximo, grandeza de espírito e solidariedade de alunas do Colégio Militar de Belo Horizonte.

Alunas do Colégio Militar de Belo Horizonte decidiram doar, voluntariamente, parte de seus cabelos para uma Instituição de meninas acometidas pelo câncer. “Mais que uma simples parte do corpo, os cabelos são responsáveis pela autoestima feminina, autoconfiança e felicidade. Por ser tão difícil meninas abdicarem de suas madeixas, torna-se honrosa a atitude daquelas que o fazem. Que esse ato sirva de exemplo para todos, e que essa solidariedade se expanda para outros âmbitos das nossas vidas”, comentou a Aluna Alessandra, do 1º Ano do Ensino Médio.



ESPCEX ABRE SEUS PORTÕES PARA AS FUTURAS COMBATENTES DO EXÉRCITO BRASILEIRO





No dia 18 de fevereiro, os portões históricos da Escola Preparatória de Cadetes do Exército (EsPCEEx) abriram-se para dar entrada aos novos alunos. Foi um dia inesquecível e exultante, porque registrou o ingresso de 40 moças nas fileiras do Exército Brasileiro (EB), dando início à carreira de Oficial da Linha Militar Bélica.

A Turma de 2017 foi constituída por 406 jovens, com idades entre 16 e 22 anos. Todos passaram por rigorosa seleção, com provas, exames médicos e testes de desempenho físico, além de uma fase de adaptação. Com duração de 46 semanas, o curso na EsPCEEx é a etapa inicial da formação dos oficiais combatentes da Força Terrestre. Até o ano passado, essa era uma carreira somente para rapazes.

Após a preparação em Campinas, os alunos poderão ingressar como cadetes na Academia Militar das Agulhas Negras, em Resende (RJ), onde passarão por mais quatro anos de treinamento. As mulheres dessa primeira turma poderão optar entre as áreas de Intendência e de Material Bélico.

A Solenidade

A solenidade foi pautada por diversas atividades que emocionaram e empolgaram os presentes, provocando momentos de vibração e entusiasmo, tanto para os participantes como para a assistência.

Inicialmente, foram prestadas as devidas honras militares ao Comandante do Exército, General de Exército **Eduardo Dias da Costa Villas Bôas**, que presidiu a cerimônia. Também prestigiaram o evento oficiais-generais do Alto-Comando de ontem e de hoje, familiares e amigos dos candidatos, além da sociedade campineira.

Logo depois, ocorreu a entrada da Turma Marechal **Cândido Mariano da Silva Rondon**, seguida pela Turma de 2017, na travessia dos portões da EsPCEEx. Tradicionalmente, o aluno mais novo é o responsável por abrir os portões da Escola, acompanhado do Comandante da EsPCEEx. Desta vez, foi a Aluna **Emily Souza Braz**, de 16 anos, que participou desse momento repleto de simbolismo.

No pátio “Praça Cidade de Campinas”, foi realizada a cerimônia de Entrega da Boina. Para finalizar, o Comandante e Diretor de Ensino da EsPCEEx ministrou a Aula Inaugural.

A Formatura da Entrega da Boina Azul-Ferrete marca o momento em que o candidato passa a ser considerado aluno da EsPCEEx e o fim de um difícil processo seletivo.

Os 50 Anos da Turma Marechal Rondon



Este ano também é simbólico para a Turma Marechal **Rondon**, que comemora os 50 anos de passagem pelos mesmos portões. Estiveram presentes cerca de 100 integrantes da turma, dentre eles o próprio General **Villas Bôas**. Todos iniciaram o treinamento para Oficial do Exército em 1967.

“É um momento especial para mim e para o Exército. Primeiro, porque minha turma completa hoje 50 anos e está aqui com a mesma energia, o mesmo entusiasmo de meninos que éramos quando entramos por esse portão. Segundo, por esse ser um processo dinâmico em que o Exército se reenergiza a cada nova turma; agora com a presença das moças. O Exército sempre correspondeu a um corte vertical da sociedade brasileira e, portanto, nada mais natural que as meninas também ingressem no Ensino Militar Bélico”, afirmou o Comandante da Força.

A Turma **Rondon** deu as boas-vindas aos novos alunos e servirá de exemplo às futuras turmas que ingressarão na EsPCEEx, devido à sua energia, a vibração e às demonstrações de apreço pela carreira das Armas e de amor e gratidão pelo Castelo Rosado.

Ao lado, temos trechos extraídos de uma carta que nos foi enviada, que traduz aquilo que a Turma sempre procurou ser, o respeito que tem pela família, pelos companheiros, pelos instrutores, professores e, sobretudo, pela Instituição.





"Meu nome é **Ana Carolina**. Sou filha do ex-aluno **Fernando Paulo Millen Coutinho**, o **Millen**, aluno 602 da Turma **Rondon**. Com a proximidade das comemorações e com a impossibilidade de estar presente em tamanho evento, acompanhando aquele que é tão importante pra mim, tomei a liberdade de escrever sobre ele, por quem tenho imenso orgulho e admiração!

Filho de militar engenheiro, caçula de nove irmãos, foi muito mimado e não imaginava fazer parte deste universo tão rígido, tão cedo...

Foi uma época de laços de amizade, aprendizagem, disciplina, crescimento e maturidade, mas também de acordar às 05h30 da manhã, arrumar a própria cama, tomar banho sem privacidade, usar o banheiro sem privadas, comer no bandeirão, passar frio muitas vezes, o que para um carioca acostumado com os dias de calor era mais difícil do que parece...

La pouco em casa, de dois em dois meses...

Separou-se de seus pais e irmãos, com quem era muito ligado. Valeu a pena? Sem dúvida. Ele reconhece isso. Afinal, somos resultado do que aprendemos, vivemos e sentimos.

Foram dois longos anos...

Hoje parece que passaram rápido, mas enquanto ele esteve lá pareceram uma eternidade. O bacana é que ele não saiu de lá sem aprender muito! E hoje volta emocionado por reencontrar amigos que dividiram tantas histórias e sentimentos da sua juventude.

Papai não seguiu a carreira militar. Formou-se engenheiro pela UFRJ, para onde passou em 23º lugar no vestibular, por conta da bela base que recebeu junto com toda a turma Rondon. Não teve dificuldade alguma durante os anos de formação. Na sequência passou para a Nuclen, trabalhou com energia nuclear, casou-se, foi pai, morou em outro país. Viveu muitas experiências profissionais, mas apesar de ter tido uma ótima carreira, o que mais o admiro é como homem, cidadão, pai de família, avô...

Não apenas formou-se engenheiro, mas um homem de verdade, ético, reto, bom, que pratica o que discursa, que faz o bem, que tem fé, que é exemplo.

Olho para o meu pai e vejo o quão grande ele é, não de estatura, mas de coração. Aprendeu muito com seus pais, com seus amigos, com todas as suas experiências de vida! Aprendeu que o outro deve ser tratado como a gente gostaria de ser tratado; aprendeu que nem todo mundo tem as mesmas oportunidades e que ajudar o outro é mais gratificante que qualquer prêmio; aprendeu que Deus é a base de tudo, assim como sua família; aprendeu que o amor transforma, que a fé move montanhas e que ser honesto não tem preço. Aprendeu muito e ensinou tanto, pra mim e para minhas duas irmãs. Formou sua linda família sobre a rocha, sólida e unida! Ele é avô de quatro lindos netos.

O que eu queria falar pra vocês é que meu pai é uma joia e fez parte desse incrível time, que deve ter tantos outros jogadores fantásticos, cada qual com a sua história. Todos esses anos se passaram, mas por dentro ele permaneceu o mesmo **Millen**: jovem talentoso e amigo, que, como vocês são para suas famílias, é o nosso herói!

Obrigada a Escola Preparatória de Cadetes do Exército por permitir ao meu pai recordar tão boas lembranças. Obrigada por recebê-lo novamente em seu espaço e proporcionar um reencontro maravilhoso com tantos amigos.

Pai, curta esse momento especial na sua vida e lembre-se que estarei com você naquele gramado de alguma forma, ainda que não fisicamente, afinal estou sempre com você. Te amo!

Abs, **Ana Carolina**."





MANOBRA ESCOLAR 2016

O Departamento de Educação e Cultura do Exército realiza, anualmente, no início do mês de novembro, na cidade de Resende (RJ) e em outros municípios do entorno, a Manobra Escolar – um exercício no terreno, em um cenário simulado de combate, cujos objetivos são colocar em prática os conhecimentos adquiridos nas Escolas de Formação, de Especialização, de Aperfeiçoamento e de Altos Estudos; explorar os atuais conceitos doutrinários; e coroar o ano de instrução militar do Sistema de Educação e Cultura do Exército Brasileiro.

Inicialmente, concebida para o Corpo de Cadetes da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), a Manobra Escolar evoluiu nos últimos anos e veio a se tornar um exercício integrado no amplo espectro das operações, reunindo militares de todas as Armas, Quadros e Serviços da Força Terrestre – alunos e instrutores de outras escolas do Sistema de Educação e Cultura do Exército, apoiados por militares de diversas organizações militares (OM). Com essa evolução, a atividade busca não só a integração das especialidades, mas também dos diversos níveis escolares, desde a formação de frações básicas de pelotões e

seções, até a constituição de Estado-Maior de Brigada e de Força Terrestre Componente, que é o comando singular responsável pelo planejamento e pela execução das operações terrestres, no contexto de uma operação conjunta.

No ano de 2016, para se ter ideia da dimensão do exercício no terreno, ele teve a duração de 15 dias ininterruptos e contou com a participação, além da AMAN, de integrantes das seguintes Escolas: de Comando e Estado-Maior do Exército, de Aperfeiçoamento de Oficiais, de Formação Complementar do Exército, de Saúde do Exército, de Sargento



das Armas, de Logística, de Instrução Especializada, de Inteligência Militar do Exército, de Artilharia de Costa e Antiaérea; e dos Centros de Estudos de Pessoal e de Instrução de Guerra Eletrônica, totalizando 11 Estabelecimentos de Ensino.

O apoio efetivo ao exercício foi prestado por 88 OM, dentre elas: o Centro de Comunicação Social do Exército; o Centro de Aviação do Exército; o Centro de Avaliação de Adestramento do Exército; o 6º Batalhão de Inteligência Militar; o 6º Grupo de Mísseis e Foguetes; o 1º Batalhão de Guerra Eletrônica; o 1º Batalhão de Operações de Apoio à Informação; o 1º Batalhão de Defesa Química, Biológica, Radiológica e Nuclear; o Hospital Militar de Resende; o Hospital de Campanha e o Comando de Operações Terrestres, tudo sob a coordenação do Departamento de Educação e Cultura do Exército (DECEX). Esse esforço de efetivo resultou no envolvimento de cinco Comandos Militares de Área, totalizando mais de 4.000 militares participantes.

Meios Empregados

Diversos produtos de defesa da indústria nacional foram empregados, como o moderno blindado Guarani, da IVECO do Brasil; os fuzis IA2, da Indústria de Material Bélico (IMBEL); o Lançador Múltiplo de Foguetes Astros; o Radar SABER M60; e o sistema de gerenciamento de campo de batalha Pacificador.

Em uma área de 180 km², a atividade demandou vasto suporte logístico, por executar ações previstas nas doutrinas mais modernas de combate e integrar as diferentes capacidades da Força Terrestre, principalmente na função logística transporte. Foram empregados, na Manobra Escolar 2016, 10 helicópteros e mais de 550 viaturas administrativas e operacionais, entre as quais se destacam veículos blindados sobre rodas e sobre lagartas. Face aos números apresentados, a operação representa, atualmente, a maior atividade de ensino realizada no terreno pelo Exército Brasileiro (EB).



Ações Realizadas

Dentre as ações executadas para restabelecer um território conflagrado, foram desenvolvidas operações ofensivas, defensivas, de pacificação e de apoio a órgãos governamentais, além de diversas outras operações complementares, tais como: operação de transposição de curso d'água; infiltrações; operações aeromóveis; “ressuprimento” logístico; defesa química, biológica, radiológica e nuclear; evacuação médica de combatentes e não combatentes; assistência humanitária; ações cívico-sociais e muitas outras, consolidando e aproximando os conhecimentos adquiridos em cada escola militar, de acordo com as funções e os cargos previstos no EB. Concepções modernas, como as Operações em Ambiente Interagências e as Operações de Informação, também foram exploradas por ocasião do exercício.

As atividades de campanha foram desdobradas no terreno, empregando de forma real as capacidades operacionais e as de apoio da Força Terrestre, a partir da integração entre as forças militares e os vetores civis que beneficiam diretamente a população local. Nesse escopo, o Direito Internacional dos Conflitos Armados (DICA), que é um conjunto de normas e leis que protege pessoas que não participam das hostilidades e que restringe os meios e métodos de combate, foi considerado desde a fase do planejamento, constituindo-se mais um fator relevante no desenvolvimento das operações.

Resultados Obtidos

Junto com o exercício, realizou-se um Estágio de Correspondente de Assuntos Militares (ECAM) para estudantes de jornalismo das universidades próximas, que proporcionou conhecimentos gerais sobre o EB e especificidades da atividade jornalística relacionadas a assuntos militares em campanha.

Pela primeira vez, o 1º Batalhão de Defesa Química, Biológica, Radiológica e Nuclear (1º Btl DQBRN) empregou, durante a Manobra Escolar, o seu laboratório móvel de análises, com o objetivo de atuar na simulação de defesa química e biológica.

Os alunos do Curso de Comunicação Social do CEP/FDC foram os responsáveis por ações institucionais que visavam divulgar a Manobra para os públicos externo e interno, fortalecendo a imagem da Força, produzindo e atualizando o site da Manobra (www.manobraescolar.ensino.eb.br) com notícias, vídeos e fotos, bem como gerenciando as galerias de fotos no Flickr, os vídeos no Youtube, as redes sociais, como Facebook, Twitter e Instagram, geridos pelo Centro de Comunicação Social do Exército (CCOMSEx).

A ratificação e/ou a retificação do aprendizado ocorreu continuamente, durante todo o período, por meio de cerca de 900 problemas militares simulados (PMS), que exploraram as funções de combate e permitiram consolidar conhecimentos auferidos durante os cursos.

Na condução da Manobra, foram adotadas diversas medidas de prevenção e controle de danos, com foco na segurança das atividades e dos militares e civis envolvidos no exercício, além da preservação das áreas utilizadas para o desenvolvimento das ações.

A Manobra Escolar do DECEx vem apresentando resultados plenamente satisfatórios, tanto na área operacional quanto na administrativa, pois tem alcançado todos os anos, desde a sua implementação, um Estado Final Desejado coerente com os conhecimentos ministrados nos Estabelecimentos de Ensino, alinhado com a Sistemática de Planejamento Estratégico do Exército e com os novos conceitos doutrinários, e realístico com conflitos da atualidade, como os observados na África (Mali e Congo), Ucrânia e Síria.





Um exemplo de amor à história militar

*Viaturas utilizadas na Segunda Guerra Mundial, uniformes, equipamentos e artigos militares raros, tudo isso está reunido em um só lugar. Não se trata de um estabelecimento militar. O rico acervo faz parte da coleção de um amante da história militar. O senhor **Dudevant dos Santos Teixeira** transformou o que era apenas um hobby em uma iniciativa que ajuda a construir o civismo em Florianópolis, Santa Catarina.*

*A coleção busca preservar uma parte da história militar mundial, reunindo itens preciosos, como o cardápio do Banquete da Vitória, que contém assinatura dos oficiais militares da Força Expedicionária Brasileira que combatiam em terras italianas. Um pedaço da história pode ser conferido no museu criado por **Dudevant**, o Pelotão Cívico do 14º Batalhão de Caçadores. Confira a matéria que a Verde-Oliva preparou e conheça um pouco mais dessa iniciativa que ajuda a manter vivo um importante trecho da nossa trajetória.*



Senhor Dudevant e a viatura 2^{1/2} toneladas-1942

O Início

Catarinense, **Dudevant** é de origem humilde e, quando jovem, se viu obrigado a largar os estudos para auxiliar a família, mas o desejo de se tornar militar sempre esteve presente. Esforçado, fez um curso por correspondência para prestar o concurso da Escola de Sargentos das Armas. Com a inscrição realizada, **Dudevant** viajou de Tubarão, onde morava com a família, para Florianópolis, cidade em que faria a prova no antigo 14º Batalhão de Caçadores (14º BC).

No dia da prova, **Dudevant** ficou tão apaixonado e impressionado pelo quartel que não conseguiu bom desempenho, deixando que a emoção o distanciasse do sonho de ser Sargento das Armas. Mas isso não seria definitivo. O esforço ainda iria lhe render bons frutos. Com o seu trabalho em construtoras, ele conseguiu retomar os estudos e concluir o ensino médio. O ingresso no curso de Engenharia da Universidade Federal de Santa Catarina veio em seguida. Tornou-se empresário, casou-se e teve quatro filhos. Porém, a paixão pela carreira militar não ficou esquecida.

Em 1998, **Dudevant** iria adquirir o primeiro item de sua coleção: uma viatura ano 1942 de duas toneladas e meia. Era um caminhão, encontrado por ele após ter sido abandonado por seu antigo dono, embaixo de uma árvore no interior de Santa Catarina. Hoje, completamente

restaurada, a viatura é uma das peças preferidas do colecionador. Com um acervo em expansão, ele passou a integrar a Companhia de Preservadores de Viaturas Militares Indestrutíveis, uma associação de natureza cultural, sem fins lucrativos, de Santa Catarina. A entidade é referência quando o assunto é preservação da motomecanização militar brasileira, tendo sido reconhecida com a Medalha do Pacificador, em 2005.

Em 2012, **Dudevant** foi reconhecido com o título de Sargento Honorário do Exército Brasileiro, como agradecimento pela colaboração ao ensino cívico-militar. O colecionador também foi condecorado com a Medalha do Pacificador e com a Ordem do Mérito Militar.

Concretização do sonho

Após a aquisição da primeira viatura, o acervo do engenheiro não parou de crescer. A coleção ganhou tantos artigos, que ele se deparou com a necessidade de adotar seu próprio espaço, momento em que foi criado o Pelotão Cívico do 14º BC, em março de 2008. O nome do museu é uma homenagem do colecionador ao quartel em que prestou concurso para a Escola de Sargentos, o antigo 14º BC, atual 63º Batalhão de Infantaria.

Hoje, cerca de 200 viaturas e milhares de itens que resgam a história militar

mundial estão reunidos em Palhoça, Grande Florianópolis (SC). Boa parte do patrimônio é composta por modelos idênticos aos que foram utilizados na Segunda Guerra Mundial, na Guerra da Coreia e no Vietnã. Crianças e jovens das escolas de Santa Catarina conhecem o museu por meio de visitas guiadas, que sempre começam com a execução do Hino Nacional e um pouco da história do Exército Brasileiro. Essas visitas acontecem às terças e às quintas-feiras e são gratuitas.

Dentre os itens do acervo, o Cardápio do Banquete da Vitória, evento comemorativo realizado em 13 de maio de 1945, na Itália, é o preferido do colecionador: *“Esse cardápio tem a assinatura de todos os nossos militares presentes no evento, que comemorava o fim da Segunda Guerra Mundial. Esse episódio aconteceu no dia em que eu nasci, portanto, ele tem um grande valor pra mim”*, explica **Dudevant**.

Liliane Tadeu de Sousa, mãe da estudante Laura (9 anos), destacou a importância de espaços como esses: *“lugares assim possibilitam que as crianças conheçam a relevância dos trabalhos do Exército Brasileiro e saibam que há uma história dos militares de luta pela construção e pela melhoria do Brasil”*. A mãe ainda completa que a filha ficou tão impressionada que disse ter escolhido a profissão: *“militar do Exército!”*.

O professor de Educação Física da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) de Santo Amaro da Imperatriz (SC), **Pablo Monani Amorim**, é

um visitante frequente do espaço. *“Depois da visita vejo os alunos muito satisfeitos, é muita novidade para eles. Temos alunos com dificuldades de locomoção, mas o acesso aqui é bom e a atenção da equipe é muito boa. Eles sempre saem do museu impressionados com o tamanho dos blindados”*.

Projeto Parque Histórico e Cultural 14º BC

O rico acervo do Pelotão Cívico do 14º BC ganhará um novo espaço e um novo formato. O Sargento Honorário está investindo no Parque Histórico e Cultural 14º BC para acomodar a coleção. Às margens da BR 101, o Parque está localizado em Tijucas, interior de Santa Catarina, com 15 mil metros quadrados de pavilhões, espaço que relembra as construções do Batalhão de Caçadores.

O objetivo de **Dudevant** é criar um parque temático que permita aos visitantes a experiência da vida na caserna. Com hotel, cinema, biblioteca e museus, todo o ambiente é voltado para pesquisas e experiências tipicamente militares. O Parque, idêntico a um quartel, conta com pavilhões destinados às Armas de Infantaria, Cavalaria, Artilharia, Engenharia e Comunicações; além de rancho e estacionamento para blindados. Tudo cuidadosamente pensado para simular um Batalhão e permitir que os visitantes explorem a história militar e vivenciem um pouco da rotina. *“Para mim é uma realização muito grande. Faço isso com muito carinho!”*, ressalta o Sargento Honorário.



Operação Leão do Norte

Em 25 dias, as tropas do Comando Militar do Nordeste puderam proporcionar à população recifense a sensação de segurança diante da “operação padrão” realizada pela Polícia Militar de Pernambuco (PMPE).

A Operação Leão do Norte, coordenada pelo Comando Militar do Nordeste (CMNE), teve por objetivo preservar a ordem pública e a incolumidade das pessoas e do patrimônio na Região Metropolitana do Recife. Foi desencadeada em virtude de a Polícia Militar de Pernambuco estabelecer o emprego de uma “Operação Padrão”, retirando quase que a totalidade do seu efetivo do Programa de Jornada Extra de Segurança das atividades de policiamento ostensivo das ruas e provocando uma sensação de insegurança na população recifense.

A Operação Leão do Norte caracterizou-se por ações de natureza preventiva e repressiva, desenvolvidas em duas fases, sendo a primeira compreendida no período

de 9 a 19 de dezembro de 2016, e a segunda de 20 de dezembro de 2016 a 3 de janeiro de 2017.

O emprego conjunto das Forças Armadas foi autorizado pelo Presidente da República, **Michel Temer**, por intermédio do Decreto nº 8928, após solicitação do Governador de Pernambuco. O amparo para o emprego das tropas está previsto no artigo nº 142, da Constituição Federal; na Lei Complementar nº 97, de 9 de junho de 1999, que dispõe sobre as Normas Gerais para a Organização, o Preparo e o Emprego das Forças Armadas; e na Lei Complementar nº 117, de 2 de setembro de 2004, que estabelece atribuições subsidiárias.





Reunião Interagências.

Emprego da Tropa

O CMNE, grande comando operacional da Força Terrestre, tem como área de atuação os Estados do Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia. Ele ativou a Força-Tarefa Guararapes (FT Guararapes) para cumprir a missão na Região Metropolitana do Recife (RMR). No mesmo dia da autorização presidencial, a FT Guararapes saiu às ruas com operações tipo polícia, tais como patrulhamento ostensivo, revista de pessoal e de veículos, e prisões em flagrante delito. Essa capacidade de pronta resposta é uma peculiaridade do Soldado brasileiro, graças à sua disponibilidade permanente e à dedicação exclusiva ao serviço da Pátria.

Com aproximadamente 3.500 militares, a FT Guararapes foi composta por organizações militares do Exército Brasileiro subordinadas ao Comando da 10ª Brigada de Infantaria Motorizada (10ª Bda Inf Mtz) – Recife (PE), apoiadas por: Unidades dos Comandos da 7ª Brigada de Infantaria Motorizada – Natal (RN), da 6ª Região Militar – Salvador (BA), da 10ª Região Militar – Fortaleza (CE); elementos de Aviação do Exército, além de tropas do 3º

Distrito Naval – Natal (RN) e do II Comando Aéreo Regional – Recife (PE), da Marinha do Brasil e da Aeronáutica, respectivamente.

Desde o início, por intermédio do Comando da 10ª Bda Inf Mtz, o CMNE coordenou as tropas federais envolvidas na Operação Leão do Norte, mantendo o controle operacional dos efetivos pertencentes aos Órgãos de Segurança Pública (OSP) do Estado de Pernambuco e atuando de forma integrada, o que proporcionou, em pouco tempo, um ambiente mais seguro à população.

A RMR é composta por 14 municípios, localizados nas proximidades da capital pernambucana, estendendo-se, ao norte, até a Ilha de Itamaracá e, ao sul, até a cidade de Ipojuca. O planejamento do emprego da FT Guararapes levou em consideração as Áreas Integradas de Segurança, já estabelecidas pelo Governo Estadual, dividindo a RMR em oito áreas de cobertura, facilitando o trabalho integrado e conjunto com os OSP. Desse modo, a FT Guararapes foi empregada da seguinte forma:

- 7º Grupo de Artilharia de Campanha (10ª Bda Inf Mtz) no setor “A”;
- FT Marechal **Cantuária** (6ª RM) no setor “B”;

- Batalhão **Felipe Camarão** (7ª Bda Inf Mtz) no setor “C”;
- 59º Batalhão de Infantaria Motorizado (10ª Bda Inf Mtz) no setor “D”;
- Batalhão General **Tibúrcio** (10ª RM) no setor “E”;
- Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais – Natal (RN) nos bairros Santo Amaro e Recife e na área costeira compreendida entre o Istmo de Olinda e o Terminal de Passageiros do Porto de Recife;
- Batalhão de Infantaria da Aeronáutica do Recife no setor “F” (Região do Aeroporto e na Avenida Marechal **Mascarenhas de Moraes**, entre o Viaduto **Tancredo Neves** e a Rua **Armindo Moura**), e no bairro de Jordão; e
- 14º Batalhão de Infantaria Motorizada no setor “G”.

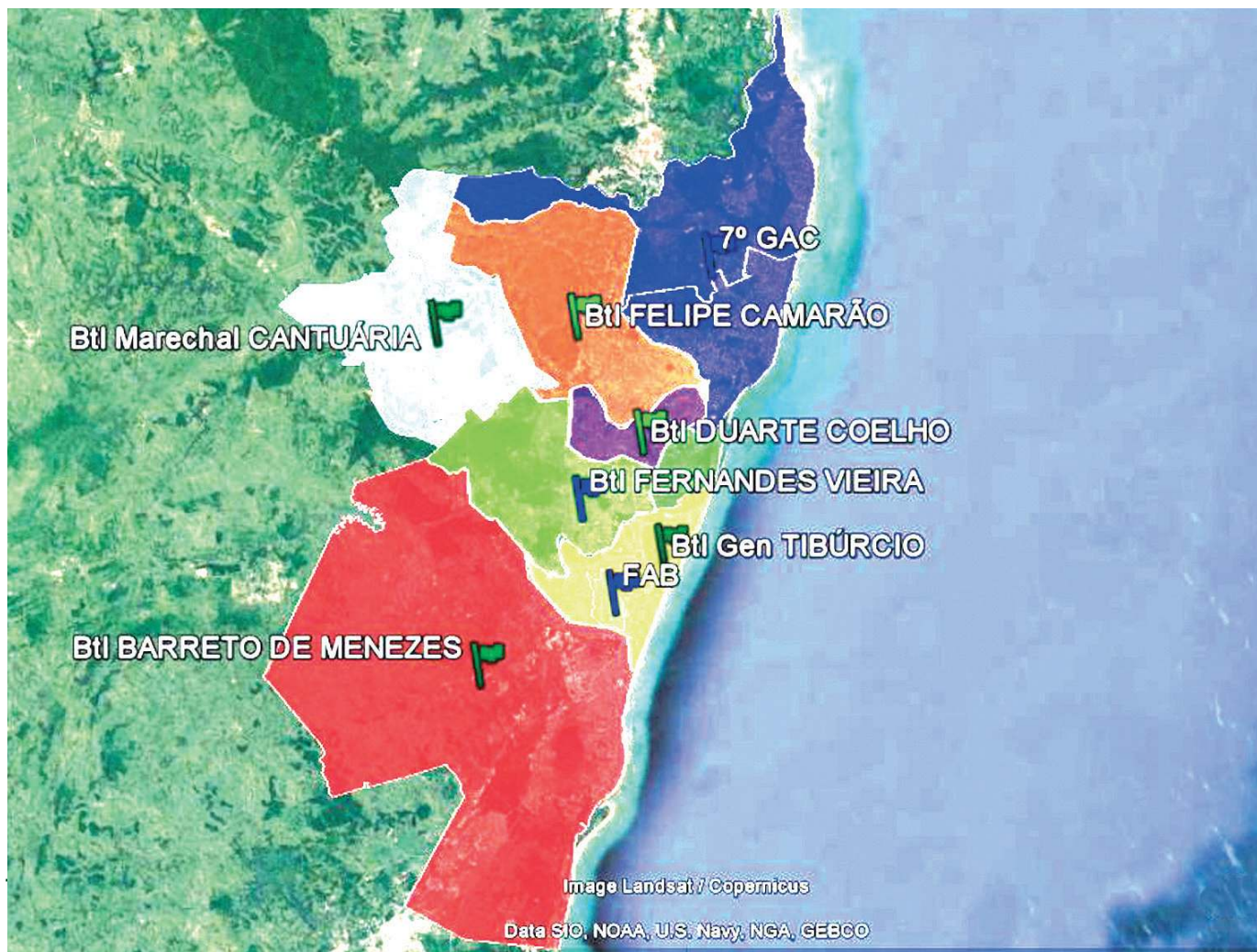
Na fase inicial dos planejamentos, o Centro de Coordenação de Operações do Comando Militar do Nordeste (CCOp/CMNE) foi acionado, a fim de ser o elo entre o Comando Tático da Operação (Comando da FT Guararapes/Comando da 10ª Bda Inf Mtz)

e o Comando de Operações Terrestres, em Brasília (DF), bem como definir a composição dos meios e planejar a mobilização e a concentração das tropas sediadas em outras guarnições.

O CCOp/CMNE foi composto por oficiais do CMNE, além de oficiais especializados do Centro de Comunicação Social do Exército, do Centro de Instrução de Guerra Eletrônica do Exército e do 1º Batalhão de Operações de Apoio à Informação.

Mercê de um ambiente ainda instável, em que prevalecia a insuficiência de meios para preservar e manter a segurança e a ordem pública na Região Metropolitana do Grande Recife, o Governo do Estado de Pernambuco solicitou a prorrogação da Operação Leão do Norte. O Presidente da República, em 20 de dezembro de 2016, autorizou o desencadeamento da segunda fase.

O emprego dos militares foi prorrogado até o dia 3 de janeiro de 2017, por meio do Decreto nº 8.934, de 19 de dezembro de 2016, com o efetivo reduzido para mil homens.



Algumas Considerações

Apesar da redução nos efetivos em relação à primeira fase da operação, as Forças Armadas continuaram atuando com o número máximo de militares autorizados, conforme Decreto Presidencial, em regime diuturno, com a possibilidade de empregar, em caso de agravamento de crise, um contingente maior.

A Operação Leão do Norte teve como saldo o restabelecimento da normalidade no Estado de Pernambuco, da preservação da ordem pública e da incolumidade das pessoas e do patrimônio na Região Metropolitana do Recife.

Em todos os momentos, a ação da tropa foi pautada pelo respeito às instituições e às pessoas, sendo enfatizado o princípio da

segurança, com ações preventivas para a Garantia da Lei e da Ordem.

Constatou-se o retorno da sensação de segurança pela população, com o funcionamento normal dos setores produtivos da cidade e com a manutenção dos índices de violências em patamares considerados normais pelos OSP.

O balanço da Operação Leão do Norte contribuiu para a manutenção do alto índice de credibilidade das Forças Armadas, mais uma vez reconhecido pela sociedade.

Ao encerrar a Operação Leão do Norte, o CMNE considera ter cumprido a missão de levar estabilidade e segurança à população pernambucana e destaca a atuação exemplar do Soldado nordestino, sempre pronto para que sejam preservadas as tradições do Exército de Caxias.



BALANÇO DAS OPERAÇÕES (Consolidação Final)

ATIVIDADES REALIZADAS FT GUARARAPES	Total Operação (de 091800DEZ1 a 030600 JAN 17)
Patrulhamento a pé	417
Patrulhamento motorizado	2.281
PBCE	42
Patrulha blindada	15
Ponto Estático	572
PSE /Seg Etta Estrt	151
Escortas	26
Check Point (ponto de controle)	341
Reconhecimento	40
Reconhecimento aéreo	18
Outras atividades	41
Total Atv Rlz	3.944



Notícias dos Colégios Militares



Alunos do Sistema Colégio Militar do Brasil visitam a sede da ONU em Nova Iorque

Nova Iorque (EUA) – No dia 24 de janeiro, cumprindo o cronograma planejado, o Sistema Colégio Militar do Brasil esteve em visita oficial ao Escritório da Missão Permanente do Brasil e à sede da Organização das Nações Unidas. O objetivo da missão foi propiciar aos alunos o entendimento de como esse complexo organismo internacional representa os interesses das Nações Unidas, facilitando as atividades diplomáticas devido à sua extraterritorialidade.

Início do ano letivo no Colégio Militar de Salvador

Salvador (BA) – No dia 6 de fevereiro, o Colégio Militar de Salvador (CMS) deu início ao ano letivo, com a formatura de recepção aos novos alunos. Na oportunidade, o Comandante da EsFCEEx/CMS, e a Aluna **Bianca Almeida Santos**, claviculário do 6º ano do Ensino Fundamental, abriram simbolicamente o portão para a entrada dos novos integrantes.



Promoção de alunos do Batalhão Escolar no Colégio Militar do Recife

Recife (PE) – No dia 10 de fevereiro, o Colégio Militar do Recife realizou a formatura alusiva à promoção do Batalhão Escolar, presidida pelo Subchefe do Estado-Maior do Comando Militar do Nordeste. A cerimônia teve por objetivo agradecer os alunos que são destaques no estudo, além de estimulá-los ao constante aprendizado.

Destaques na Olimpíada Brasileira de Química

Belo Horizonte (MG) – No dia 11 de fevereiro, no Auditório da Reitoria da Universidade Federal de Minas Gerais, foi realizada a solenidade de premiação da Olimpíada Brasileira de Química Júnior e da Olimpíada Brasileira de Química. Durante o evento, alunos do Colégio Militar de Belo Horizonte e do Colégio Militar de Juiz de Fora foram agraciados com medalhas e menções honrosas.





Entrega de Medalhas no Colégio Militar de Juiz de Fora

Juiz de Fora (MG) – No dia 17 de fevereiro, o Colégio Militar de Juiz de Fora, realizou uma formatura para entregar Medalhas da Olimpíada Brasileira de Física 2015 e da Olimpíada Brasileira de Química 2016, e de Medalhas de Aplicação nos Estudos aos alunos que obtiveram os melhores resultados no ano de 2016.

Visita ao Polo de Ensino a Distância de Boa Vista (RR)

Boa Vista (RR) – Em 22 e 23 de fevereiro, a Diretoria de Educação Preparatória e Assistencial realizou uma Visita de Supervisão Escolar ao Polo de Ensino a Distância do Colégio Militar de Manaus (EAD-CMM), na Guarnição de Boa Vista (RR). O CMM é o responsável pelo EAD do Sistema Colégio Militar, o qual atende, atualmente, a alunos em 43 países distintos e em 18 localidades no Brasil.



Comemoração da Tomada de Monte Castelo no Colégio Militar de Curitiba

Curitiba (PR) – Em 23 de fevereiro, o Colégio Militar de Curitiba (CMC) desenvolveu uma atividade em comemoração à Tomada de Monte Castelo, conquista da Força Expedicionária Brasileira (FEB), na Segunda Guerra Mundial. Na oportunidade, o Comandante do CMC homenageou o Sr. **Reinaldo Pontaroli**, ex-combatente, integrante do contingente de paranaenses que esteve nos campos de batalha na Itália.

Solenidade no Colégio Militar de Belém

Belém (PA) – No dia 10 de março, o Colégio Militar de Belém (CMBel) realizou a solenidade de Abertura do Portão das Armas para a entrada dos novos alunos e a entrega da Boina Garançã. O marcante evento foi presidido pelo Comandante Militar do Norte, acompanhado de autoridades civis e militares, além da presença de familiares e convidados dos alunos.



Personagem da Nossa História:

José Francisco Lopes, o Guia Lopes.



Nasceu em 26 de fevereiro de 1811. Juntamente com a família “**Barbosa**”, constituiu os dois núcleos que iniciaram o povoamento e a ocupação do sul do antigo Estado do Mato Grosso, hoje Mato Grosso do Sul.

Estabeleceu-se na região onde, atualmente, encontra-se a cidade de Jardim, em área próxima ao Paraguai, dedicando-se à criação de gado de forma extensiva, o que lhe permitiu tornar-se profundo conhecedor da região que seria o palco da Guerra da Tríplice Aliança.

Casou-se com Dona **Maria Pereira**, com quem teve três filhos. Realizou segundas núpcias com Dona **Senhorinha Maria da Conceição Barbosa Lopes**, tendo, desta vez, sete filhos.

Por viver em uma área isolada e desprotegida, sua família foi sequestrada pelos paraguaios no início dos conflitos e permaneceu presa durante toda a guerra. Como vingança, **José Francisco** guiou as tropas do Coronel **Camisão** durante a Guerra da Tríplice Aliança, na célebre Retirada da Laguna, abrindo mão do gado da família como alimento para a tropa.

Durante a Retirada, a atuação do Guia **Lopes** conduzindo as tropas brasileiras foi importantíssima, impedindo que os soldados fossem todos massacrados pelos paraguaios, que utilizavam táticas indígenas de guerra.

Acometido de cólera-morbo, **José Francisco Lopes** faleceu no dia 27 de maio de 1867, às margens do rio Miranda, em terras da Fazenda Bom Jardim, de sua propriedade. Foi enterrado ali mesmo, local que hoje é denominado Cemitério dos Heróis.

Em 1941, seus restos mortais foram trasladados para o monumento aos “Heróis da Laguna e Dourados”, localizado na Praça General Tibúrcio, Praia Vermelha, no Rio de Janeiro. 

PRONTO PARA O FUTURO



19 de Abril
DIA DO EXÉRCITO

www.eb.mil.br

